

**LITERATURA**



# SUMÁRIO

## **Unidade 1**

**147** Conceitos de Literatura

## **Unidade 2**

**153** Gêneros Literários

## **Unidade 3**

**156** História da Literatura: os estilos de época

## **Unidade 4**

**160** Barroco

## **Unidade 5**

**165** Arcadismo





## » Conceitos de Literatura

A arte literária possui uma natureza tão plural e envolvente que não permite uma definição exata. Ela faz relacionar matéria real com fantasia, denotando um caráter social de como nos comportamos. Por isso, ela revela, apresenta, fustiga e brinca com as possibilidades de como as coisas podem ser. Exatamente por ser uma maneira de representar os eventos humanos é que se determina essa complexidade de termos. No entanto, diversos intelectuais, através do tempo, detiveram-se em pensar o fazer literário, e isso contribui para a investigação do nosso objeto de estudo.

“A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista.”

Afrânio Coutinho.

“Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível.”

Ezra Pound.

“A arte é um fazer. A arte é um conjunto de fatos pelos quais se muda a forma, transforma-se a matéria oferecida pela natureza e pela cultura.”

Alfredo Bosi.

“Arte Literária é mimese (imitação); é a arte que imita pela palavra.”

Aristóteles.



Tom Murphy VIBID

Encadernações de livros antigos.

### • Linguagem literária

#### Texto literário e não literário

#### TEXTO LITERÁRIO

O texto de literatura não tem o objetivo de fornecer dados ou descrever a realidade. Há a descrição subjetiva que contribui para a criação de uma atmosfera, apresentando sugestões e impressões. No texto literário, não é o fato que tem importância, e sim a maneira como o autor constrói e transmite os fatos, representando ou recriando a realidade. O escritor tem uma preocupação estética que o leva a criar textos sugestivos a partir da exploração da sonoridade e da expressividade das palavras.

– Exemplo:

#### Os Lusíadas

As armas e os Barões assinalados  
Que da Ocidental praia Lusitana  
Por mares nunca de antes navegados  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando,  
E aqueles que por obras valorosas  
Se vão da lei da Morte libertando,  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Luís de Camões.

#### TEXTO NÃO LITERÁRIO

O texto não literário, ao contrário do texto de literatura, não apresenta uma preocupação iminentemente estética. Portanto, ele se define a partir de uma caracterização pautada na objetividade, remetendo à sua natureza referencial.

– Exemplo:

A Copa do Mundo FIFA de 2018 ou Campeonato Mundial de Futebol FIFA de 2018 será a vigésima primeira edição deste evento esportivo, um torneio internacional de futebol masculino organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), que ocorrerá na Rússia, anfitriã da competição pela primeira vez. Com onze cidades-sede, o campeonato será disputado entre 14 de junho e 15 de julho. A edição de 2018 será a primeira realizada no Leste Europeu e a décima primeira realizada na Europa, depois de a Alemanha ter sediado o torneio pela última vez no continente em 2006.

Esta edição da Copa do Mundo, juntamente com a Universíada de Verão de 2013 e os Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, que também foram realizados em território russo, são os primeiros eventos esportivos de importância mundial realizados no país desde os Jogos Olímpicos de Verão de 1980.

Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_2018](https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_2018)>.



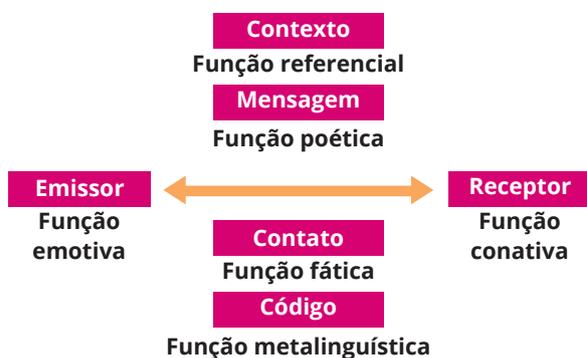
## • Comunicação

A necessidade de comunicação é intrínseca ao homem, que vive em permanente interação com a realidade que o cerca e com os outros seres humanos. A essa troca de mensagens ou informações dá-se o nome de comunicação. Em nosso cotidiano, comunicamo-nos com as pessoas na rua, em casa, no trabalho. Essa caracterização interativa transmitiu-nos qualidades essenciais da sociedade. Ao comunicar-se, o homem divide com os semelhantes sua visão de mundo, suas experiências pessoais, seus sentimentos etc. Esse conjunto de descobertas e criações do homem, que passa de geração em geração, denomina-se cultura.

### Elementos básicos da comunicação

São seis os elementos básicos da comunicação:

- ▶ **Emissor ou remetente:** é aquele que envia a mensagem.
- ▶ **Receptor ou destinatário:** é aquele a quem a mensagem se destina.
- ▶ **Referente ou contexto:** é o assunto a que a mensagem se refere.
- ▶ **Canal ou contato:** é o que permite que a mensagem parta do emissor e chegue ao receptor. Pode ser dividida em canal físico e contato psicológico, sendo o primeiro, em uma situação de diálogo, a presença do ar que transmite as ondas sonoras da boca do emissor até as orelhas do receptor; e o segundo, a atenção que o receptor deve manter para que consiga receber a mensagem.
- ▶ **Código:** é o sistema organizado de sinais utilizado pelo emissor e de conhecimento do receptor.
- ▶ **Mensagem:** é a informação transmitida.



#### Importante

Em um diálogo, note que o **emissor** e o **receptor** constantemente **mudam de papéis!**

## • Funções da linguagem

As funções da linguagem são os recursos utilizados pelo produtor da mensagem, abordando cada elemento da comunicação. Um determinado texto pode apresentar mais de uma função enfatizada.

### Função emotiva ou expressiva

O emissor é o produtor da mensagem. Quando, ao reproduzir um texto, o emissor manifesta sua posição pessoal diante do conteúdo transmitido, temos a ocorrência da função expressiva (ou emotiva) da linguagem. Essa função indica que o emissor está presente no texto, conferindo-lhe certo grau de subjetividade.

- Exemplo:

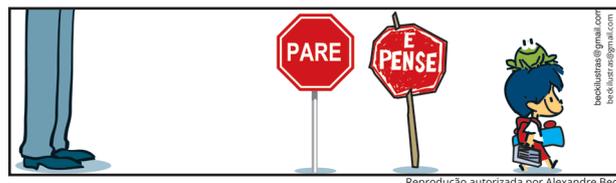
Bem sei que não somos, nem podemos ser todos iguais; sustento, porém, que aquele que julga necessário, para se fazer respeitar, distanciar-se do que nós chamamos povo é tão digno de lástima como o covarde que se esconde à aproximação do inimigo, de medo de ser vencido.

Goethe - Os sofrimentos do jovem Werther.

### Função conativa ou apelativa

A função conativa procura influenciar o leitor por meio de uma ordem, um apelo, uma sugestão, um conselho, um pedido ou uma súplica. Sendo assim, ela se torna evidente em textos em que a presença do receptor está claramente marcada por pronomes de tratamento ou da segunda pessoa e pelo uso de certas formas gramaticais, como o imperativo e o vocativo. Esses textos implicam diretamente o receptor no processo comunicativo, procurando atingi-lo sem subterfúgios.

- Exemplo:



Anotações:



## Função referencial

Essa função coloca o referente em evidência. Ao elaborar mensagens que se orientam para o referente, o emissor procura transmitir a realidade de maneira clara, sem dupla interpretação. Trata-se de uma linguagem objetiva, centrada no conteúdo transmitido. Portanto, é a função mais utilizada no nosso cotidiano.

- Exemplo:

### União Europeia prevê chegada de 3 milhões de migrantes até 2017

*Número é esperado entre 2015 e 2017, segundo a Comissão Europeia. Fluxo tem impacto 'leve mas positivo' na economia do bloco.*

A Comissão Europeia calcula que quase 3 milhões de pessoas chegarão à União Europeia (UE) entre 2015 e 2017, fugindo da guerra e da pobreza, anunciou o Executivo comunitário.

"Quase três milhões de pessoas adicionais chegarão à UE no período", afirma a Comissão nas previsões econômicas de outono (hemisfério norte), nas quais considera que o fluxo terá um impacto "leve mas positivo" na economia do bloco.

A Comissão prevê a chegada de um milhão de pessoas em 2015, 1,5 milhão em 2016 e meio milhão em 2017. Essas chegadas são traduzidas por um aumento da população do bloco de 0,4%, uma vez que as solicitações de asilo sejam aceitas.

Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/uniao-europeia-preve-chegada-de-3-milhoes-de-migrantes-ate-2017.html>.

## Função fática

O canal de comunicação ou contato é o suporte físico por meio do qual a mensagem caminha do emissor ao receptor. No caso dos textos escritos, esse canal é a própria página, pois a comunicação estabelece-se com base em sinais gráficos dispostos sobre o papel.

A função fática da linguagem manifesta-se justamente em todos os elementos do texto que envolvam o estabelecimento e a permanência do contato entre o emissor e o receptor.

- Exemplo:

### Sinal fechado

Olá, como vai?  
Eu vou indo, e você tudo bem?  
Tudo bem, eu vou indo, correndo,  
pegar meu lugar no futuro. E você?  
Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono  
tranquilo, quem sabe?  
Quanto tempo...  
Pois é, quanto tempo...  
Me perdoe a pressa  
é a alma dos nossos negócios...  
Oh! Não tem de quê.  
Eu também só ando a cem.  
Quanto é que você telefona,  
precisamos nos ver por aí.

Pra semana, prometo, talvez  
nos vejamos, quem sabe?  
Quanto tempo...  
Pois é, quanto tempo...  
tanta coisa que tinha a dizer  
mas eu sumi na poeira das ruas.  
Eu também tenho algo a dizer,  
mas me foge a lembrança.  
Por favor telefone; preciso beber  
alguma coisa rapidamente.  
Pra semana...  
O sinal...  
Eu procuro você...  
Vai abrir, vai abrir...  
Prometo, não esqueço.  
Por favor, não esqueça, não esqueça, não esqueça.  
Adeus...

VIOLA, Paulinho da. In: Chico Buarque e Maria Bethânia. LP Philips 6349, 1975. L. 1, f. 3.

## Função metalinguística

Metalinguagem é a linguagem que fala da própria linguagem. Quando o emissor se preocupa em utilizar o código para evidenciar o próprio código em uma comunicação, estamos lançando mão da função metalinguística. Pode parecer, à primeira vista, que essa função restringe-se a textos especializados, como é o caso dos dicionários. Essa impressão é, no entanto, falsa, pois a função tratada ocorre em numerosas situações cotidianas e em textos poéticos.



Manuscrito do século XVI.

Ricardo Gómez/IBD

- Exemplo:

### O último poema

Assim eu quereria meu último poema.  
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples  
e menos intencionais  
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas  
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume  
A pureza da chama em que se consomem os  
diamantes mais límpidos  
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

Manuel Bandeira.

Anotações:



## Função poética

A função poética da linguagem está presente nos textos que, pela sua organização, são o próprio centro de interesse da comunicação. Nesses casos, a elaboração da mensagem utiliza recursos de forma e de conteúdo que chamam nossa atenção para a própria mensagem, causando-nos surpresa, “estranhamento” e prazer estético. Essa mistura de sensações brota da percepção de que a linguagem foge ao convencional e impõe-se por um arranjo original de formas e significados.

- Exemplo:

### Cultura

O girino é o peixinho do sapo.  
O silêncio é o começo do papo.

O bigode é a antena do gato.  
O cavalo é o pasto do carrapato.

O cabrito é o cordeiro da cabra.  
O pescoço é a barriga da cobra.

O leitão é um porquinho mais novo.  
A galinha é um pouquinho do ovo.

O desejo é o começo do corpo.  
Engordar é tarefa do porco.

A cegonha é a girafa do ganso.  
O cachorro é um lobo mais manso.

O escuro é a metade da zebra.  
As raízes são as veias da seiva.

O camelo é um cavalo sem sede.  
Tartaruga por dentro é parede.

O potrinho é o bezerro da égua.  
A batalha é o começo da trégua.

Papagaio é um dragão miniatura.  
Bactéria num meio é cultura.

Arnaldo Antunes.

## • Denotação e conotação

As palavras podem assumir diversos significados dependendo do contexto em que estiverem inseridas. Quando nos utilizamos dos vocábulos em seu sentido mais restrito, que aparece no dicionário, desbravamos o sentido denotativo desses vocábulos. No entanto, quando criamos situações criativas em que a palavra pode assumir uma representação mais diversa e ampla, estamos nos servindo de seu significado conotativo.

## Denotação

Existe denotação quando a palavra é empregada no seu sentido real, comum, literal. É usada na linguagem científica, informativa, sem preocupação literária.

## Conotação

Existe conotação quando a palavra assume um sentido fora do costumeiro, um sentido figurado, poético. A conotação é muito usada na linguagem literária.

- Exemplo:



Reprodução autorizada por Alexandre Beck

## • Figuras de linguagem

Você já sabe que, com o uso de certos artifícios na utilização das palavras, a forma de um texto pode ficar mais complexa. Vamos definir:

Figuras de linguagem são estratégias literárias que o escritor pode aplicar no texto para conseguir um efeito determinado na interpretação do leitor. Podem relacionar-se com aspectos semânticos, fonológicos ou sintáticos das palavras abordadas.

## Metáfora

A palavra metáfora significa transposição. Sendo assim, ela consiste na utilização de uma palavra com um sentido que não lhe é próprio.

- Exemplos: O amor é um FOGO.



Reprodução autorizada por Alexandre Beck

## Comparação

É uma figura de linguagem que consiste no confronto dos termos de duas ideias que tenham alguma relação entre si. Toda comparação pode ser transformada em uma metáfora e vice-versa. Basta apenas acrescentar ou excluir o termo comparativo (como, tal qual, semelhante etc.).

- Exemplos: O amor é COMO um fogo.



Reprodução autorizada por Alexandre Beck



## Hipérbole

A hipérbole consiste no exagero intencional de uma ideia, a fim de reforçá-la.

- **Exemplos:** Ele morreu de rir ao ouvir a piada.



Reprodução autorizada por Alexandre Beck

## Eufemismo

Consiste em suavizar ideias desagradáveis.

- **Exemplo:** Acho que você faltou um pouco com a verdade.

## Antítese

É uma figura de linguagem que aproxima expressões opostas.

- **Exemplo:** Nasce o sol e não dura mais que um dia  
Depois da luz, segue a noite escura

Gregório de Matos.

## Paradoxo

É uma figura de linguagem que consiste em aproximar ideias cuja relação é normalmente absurda, ilógica, contraditória. Dessa maneira, o paradoxo funde, em um mesmo enunciado, elementos que se excluem mutuamente.

- **Exemplo:** Amor é fogo que arde sem se ver,  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente,  
É dor que desatina sem doer.

Camões.

## Gradação

Consiste em dispor vários elementos em ordem crescente ou decrescente.

- **Exemplo:** A distribuição de alimentos parecia uma luta, uma batalha, uma guerra.

## Aliteração

Repetição de um som consonantal em uma sequência de palavras.

- **Exemplo:** Velho vento vagabundo!  
No teu rosar sonolento  
Leva ao longe este lamento.

Cruz e Souza.

## Assonância

Repetição das mesmas vogais em palavras diferentes.

- **Exemplo:** Ó formas alvas, brancas, formas claras.

Cruz e Souza.

## Onomatopeia

Consiste no emprego das palavras que imitam o som natural da coisa significada.

- **Exemplos:** "Cada vez que soava lá em cima um tloc! Seguindo de um pluf ouvia-se cá embaixo um nhoc! Do leitão abocanhando qualquer coisa. E a música da jabuticabeira era assim: tloc! Pluf? Nhoc! - tloc! Pluf? Nhoc!"

Monteiro Lobato.



Reprodução autorizada por Alexandre Beck

## Sinestesia

A sinestesia é uma espécie de metáfora que consiste em comparações desencadeadas pelos cinco sentidos (audição, visão, olfato, tato e paladar). É o cruzamento de várias sensações.

- **Exemplo:** Oh! Sonora audição colorida do aroma!

## Prosopopeia

Consiste em atribuir a seres inanimados ou irracionais características de seres animados ou racionais.

- **Exemplos:** O céu bordado de estrelas  
A terra de aromas cheia  
As ondas beijando a areia  
E a lua beijando o mar!

Casimiro de Abreu.



Reprodução autorizada por Alexandre Beck

## Catacrese

Uso de um termo figurado pela falta de outros mais apropriados.

- **Exemplo:** Eles namoravam no braço da poltrona.



## Ironia

Consiste em dizer o contrário do que se pensa, satirizando.

## Metonímia

Consiste na substituição de elementos, construindo um novo estabelecimento de relações entre duas realidades.

- **Exemplos:** Lia Paulo Coelho enquanto assistia à televisão.

Vou tomar uma Brahma bem gelada depois desta aula!

Bebeu um copo d'água.

## Reiteração

Repetição de uma (ou mais) palavra(s) no mesmo verso.

- **Exemplo:** Mundo, mundo vasto mundo  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução”.

Carlos Drummond de Andrade.

## Perífrase

É uma expressão com valor de metáfora. Ocorre quando, em vez de usarmos o nome, utilizamos uma expressão que o substitui.

- **Exemplo:** Vou viajar para a *Capital das Missões*; depois, embarco para a *terra de Érico Veríssimo*, dou uma passadinha na *Cidade Universitária* e tomo outro ônibus para a *Capital dos Gaúchos*.

## Hipérbato

Troca da ordem direta dos termos da oração.

- **Exemplo:** A lua banha a solitária estrada.

## Anáfora

Repetição de uma expressão no início de um verso ou frase.

- **Exemplo:** Se você gritasse  
Se você gemesse  
Se você tocasse  
A valsa vienense

Carlos Drummond Andrade.

Acompanhe, abaixo, a análise de um poema que explora, fartamente, as figuras de linguagem.

<b>Metáfora:</b> A é B (Imagem)	Amor é fogo que arde sem se ver É ferida que dói, e não se sente É um contentamento descontente É dor que desatina sem doer	<b>Soneto:</b> dois quartetos e dois tercetos	 O poeta Luís Vaz de Camões.
<b>Anáfora:</b> repetição no início do verso	É um não querer mais que bem querer É um andar solitário entre a gente É nunca contentar-se de contente É um cuidar que se ganha em se perder	<b>Paradoxo:</b> apresentação de elementos excludentes	
<b>Aliteração:</b> repetição de consoantes	É querer estar preso por vontade É servir a quem vence, o vencedor É ter com quem nos mata, lealdade	<b>Antítese:</b> aproximação de palavras e/ou ideias contrárias	
<b>Assonância:</b> repetição de sons vocálicos	Mas como causar pode seu favor Nos corações humanos amizade Se tão contrário a si é o mesmo Amor? <small>Luís Vaz de Camões.</small>	<b>Metonímia:</b> concreto pelo abstrato	

Anotações:





## » Gêneros Literários

Entende-se por gênero literário o conjunto de características que permitem classificar uma obra literária em determinada categoria.

A literatura ocidental deve aos gregos a concepção de três grandes gêneros literários: o lírico, o épico e o dramático. A concepção moderna substitui o gênero épico pelo narrativo, de caráter mais amplo.

A classificação em gêneros, como qualquer classificação, é artificial. É um esquema que procura dar conta da imensa variedade das obras literárias produzidas em alguns milênios. Ela não é um sistema de normas ou receitas a que os autores devem obedecer. Não existe pureza de gêneros: toda obra pode ser inserida em um gênero, mas também possuir características dos outros dois.

### • Gênero Lírico

Esse gênero apresenta um certo tipo de texto no qual um eu-lírico (a voz que fala no poema, que nem sempre corresponde à do autor) exprime suas emoções, ideias e impressões ante o mundo exterior.

#### Autopsicografia

O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama o coração.

Fernando Pessoa.



Primeira página de *Poética*, obra de Aristóteles.

### Classificação dos versos

Os versos classificam-se quanto ao número de sílabas poéticas que tem.

### Classificação das rimas

As rimas classificam-se segundo sua colocação na estrofe ou sua classe gramatical.

### Classificação da estrofe

É classificada de acordo com o número de versos que possui.

Verso livre diferente de verso branco.

Pertencem ao gênero lírico:

### Ode e hino

Dois nomes que vêm da Grécia e significam *canto*. Ode é a poesia mais entusiástica, de exaltação. Hino é a poesia destinada a glorificar a pátria ou dar louvores às divindades.

### Balada

Canta a saudade e o amor. É formada de três oitavas (estrofes de oito versos) e uma quadra (estrofe de quatro versos).

### Elegia

É uma poesia que trata de acontecimentos tristes ou da morte de alguém.

Anotações:



## Cantiga

Poesia geralmente dividida em estrofes iguais e é destinada a ser cantada.

## Soneto

É uma composição poética de forma fixa composta de catorze versos distribuídos em dois quartetos e dois tercetos.



Symphonia de Cantiga 160, *Cantigas de Santa Maria*, 1221-1284.

## • Gênero épico ou narrativo

É assim classificado por apresentar como tema a narração de fatos notáveis, grandiosos, extraordinários e históricos de um povo ou de um herói. Essas ações heroicas são narradas em versos, formando um longo poema denominado **epopeia** ou **poesia épica**. Na concepção moderna, surge como variante do gênero épico o **gênero narrativo**, em que há narrador, personagens e uma sequência de fatos.

### Elementos da narrativa

**1. Enredo:** é a narrativa propriamente dita, sequência de fatos.

**2. Personagem:** constituem cada um dos seres que figuram em uma narrativa. Denomina-se **protagonista** o personagem principal, e os demais personagens são chamados **secundários**.

**3. Espaço:** é o lugar onde ocorrem os fatos narrados – uma cidade, rua, sala etc. O espaço nem sempre está determinado ou mencionado na narrativa, às vezes, é apenas sugerido – uma forma de aguçar a curiosidade do leitor.

**4. Tempo:** é o momento ou a época em que acontecem os fatos da narrativa – pela manhã, depois do jantar, na primavera de 1970.

► **Tempo cronológico:** tempo sequencial, linear (passado, presente, futuro), marcado por horas, datas ou outros índices exteriores.

– *Exemplo:* “O ano era 1840. Naquele dia – uma segunda-feira, do mês de maio – deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã.”

Conto de Escola, Machado de Assis.

► **Tempo psicológico:** o tempo que se passa no inconsciente dos personagens – recordações, sonhos, delírios.

– *Exemplo:* “O que estou é velho. Cinquenta anos pelo S. Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros.”

São Bernardo, Graciliano Ramos.

**5. Narrador:** é um dos principais elementos da narrativa, pois, por meio dele, não só temos conhecimento da história, mas também adotamos determinado ponto de vista – denominado **foco narrativo**, que é a maneira como o narrador se situa em relação ao que está narrando.

Não se deve confundir narrador com autor. O autor existe, é um ser de carne e osso, que escreve; o narrador, em geral, é um ser imaginário a quem o autor transfere a tarefa de contar determinada história. Às vezes, os dois são a mesma pessoa, no caso, por exemplo, de a narrativa ser uma história real protagonizada.

Há dois tipos de narrador:

► **1ª pessoa:** quando o narrador é um personagem que participa da narrativa. Esse narrador não precisa ser necessariamente o personagem principal.

– *Exemplo:* Quem me deu o primeiro cálice de licor foi a morena vistosa, mas não sei quem deu o segundo. Bebi vários, bebi o resto da garrafa. Comportei-me indecentemente, perdi a vergonha, achei-me à vontade, falando muito, desvariando e exigindo licor.

Infância, Graciliano Ramos.

► **3ª pessoa:** o narrador em 3ª pessoa é um observador dos fatos, não participa da história. Chamamos de **onisciente** o narrador que conhece o mundo interior dos personagens (sabe tudo).

– *Exemplo:* A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a caatinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Infância, Graciliano Ramos.

Pertencem ao gênero épico ou narrativo:

## Romance

Apresenta uma narrativa longa, em prosa, estruturada em capítulos. Envolve grande número de personagens e histórias paralelas ao conflito principal, podendo abranger vários espaços simultaneamente e abordar o tempo presente e o passado.

## Novela

É uma narrativa menos abrangente que o romance, composta de uma série de unidades encadeadas, mas articuladas em torno de um personagem central. A narrativa é mais direta, sem rodeios.



## Conto

Estruturado em prosa, o conto é uma narrativa que se desenvolve em torno de um conflito vivido, geralmente, por um só personagem. É uma história curta que concentra a ação em um único ponto de interesse.

## Crônica

É uma narrativa curta, em prosa, que se limita a registrar ou comentar um incidente, em geral, fatos comuns, assuntos relativos à vida cotidiana. A linguagem é simples, dinâmica e normalmente bem-humorada.

## • Gênero dramático (teatro)

A palavra “dramático” vem de “drama”, que, em grego, significa “ação”. No gênero dramático, não há narrador, por isso os textos são próprios para serem encenados. A partir do momento em que o texto literário é representado no teatro por atores, passa a ser uma arte mista, em que se conjugam literatura, coreografia e música.

Existem vários tipos de textos pertencentes ao gênero dramático:

### Tragédia

De origem clássica, seu objetivo principal era inspirar medo e compaixão aos que assistiam.

### Comédia

Tem sua origem nas festas em honra ao deus Dionísio; é voltada a provocar riso a partir de contrastes. Tem por objetivo criticar o comportamento humano por meio do ridículo.

### Tragicomédia

Mistura da tragédia e da comédia, em que ocorrem acontecimentos tristes, mas o desfecho é feliz.

### Drama

Espécie de modernização da tragicomédia, em que se alteram momentos de alegria e de dor.

### Farsa

Representação mais leve, em que se ridicularizam costumes ou elementos da sociedade, apelando para a caricatura.

## Auto

Composição dramática, com argumento geralmente bíblico, burlesco e também alegórico. O auto constitui uma das formas mais populares do antigo teatro português.

– Exemplo:

### **Auto da Compadecida**

*Peça medieval no Nordeste brasileiro*

Ariano Suassuna, escritor brasileiro contemporâneo, retomou a tradição medieval e escreveu o *Auto da Compadecida*, em que narra as aventuras do malandro João Grilo. Depois de muitas situações engraçadas, João Grilo e algumas pessoas com quem ele se envolveu morrem e vão para o além, onde são submetidos a um julgamento. O Diabo tenta convencer Jesus Cristo de que eles não podem ser perdoados, devendo ser enviados ao inferno. Mas aí intervém Nossa Senhora, a Compadecida, que muda os rumos do julgamento.

Para sua leitura, propomos a análise da cena transcrita a seguir, que mostrava os mortos chegando à presença do Diabo e de Cristo.



Przytuła/IBIP

**Demônio:** (saindo da sombra, severo): Calem-se todos. Chegou a hora da verdade.

**Severino:** Da verdade?

**Bispo:** Da verdade?

**Padre:** Da verdade?

**Demônio:** Da verdade, sim.

**João Grilo:** Então já sei que estou desgraçado, porque comigo era na mentira.

**Demônio:** Vocês agora vão pagar tudo o que fizeram.

**Padre:** Mas o que foi que eu...

**Demônio:** Silêncio! Chegou a hora do silêncio para vocês e do comando para mim. E calem-se todos. Vem chegando agora quem pode mais do que eu e do que vocês. Deitem-se! Deitem-se! Ouçam o que estou dizendo, senão será pior!

Ariano Suassuna, *O Auto da Compadecida*.

Anotações:





## » História da Literatura: os estilos de época

### • Período Colonial

O Período Colonial, na Literatura Brasileira, compreende os textos produzidos no país, desde o Descobrimento, em 1500, até a Independência, em 1822. Como **não existe uma autonomia estética** notadamente brasileira nessa época, percebe-se, em geral, uma **adaptação intelectual** dos elementos artístico-ideológicos europeus, especialmente portugueses, aos padrões culturais da Colônia.



Fundação Maria Luiza e Oscar Americano, São Paulo/IBID

Engenho com capela, 1667, por Frans Jansz Post.

Desse período, destacam-se três estilos de época:

#### Período Colonial - formação da nossa Literatura

Estilos de época	Quinhentismo	Seiscentismo ou Barroco	Setecentismo ou Arcadismo
<b>Panorama mundial</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Grandes Navegações</li> <li>▶ Companhia de Jesus</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Contrarreforma</li> <li>▶ Portugal sob domínio Espanhol</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Iluminismo</li> </ul>
<b>Panorama brasileiro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Literatura informativa</li> <li>▶ Literatura dos Jesuítas</li> <li>▶ 1500</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Invasões holandesas</li> <li>▶ 1601</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▶ Ciclo da mineração</li> <li>▶ Inconfidência Mineira</li> <li>▶ 1768</li> </ul>

### • Quinhentismo

O Quinhentismo, no Brasil, é um período da história da literatura que compreende as produções textuais do século XVI. Elas se dividem, basicamente, em dois tipos: a **Literatura Informativa**, construída por aventureiros que registravam, normalmente em formato de crônicas, suas experiências na Colônia, descrevendo os aspectos pitorescos desse universo exótico e estranho ao mundo europeu; e a **Literatura Jesuítica**, caracterizada por textos com finalidade catequética, bem como por documentos que refletem a ação religiosa dos padres jesuítas na América.



Lopo Pizarro/IBID

Caravela Vera Cruz.



Museu Paulista, São Paulo/IBID

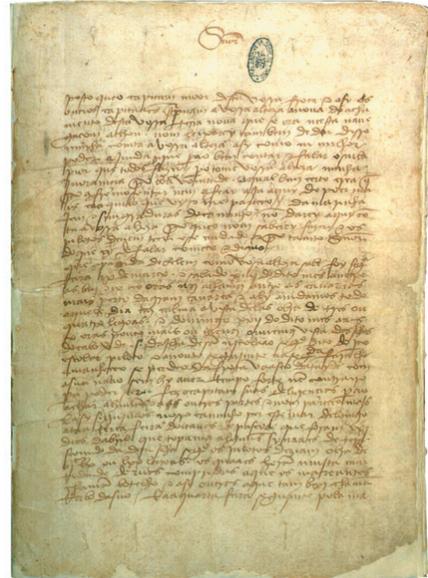
Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500, 1902, por Oscar Pereira da Silva.



## Literatura Informativa

O texto mais emblemático da Literatura Informativa, sem sombra de dúvidas, é a **Carta** escrita pelo escrivão **Pero Vaz de Caminha** ao rei de Portugal, D. Manuel. Nela, o autor relata a primeira impressão dos portugueses acerca da terra recém-descoberta.

Apesar de ser um texto bastante conhecido e estudado, a missiva possui uma publicação relativamente recente, datada do século XIX, em 1817. Na literatura modernista, autores como Oswald de Andrade e Murilo Mendes elaboraram paródias do texto, promovendo uma revisão crítica do passado, como também da própria literatura brasileira.



Biblioteca Nacional de Portugal/IBD

Fac-símile da carta original de Pedro Vaz de Caminha quando do apartamento da expedição de Cabral em terras brasileiras.

Acompanhe, no texto, as características principais da *Carta* de Caminha.

Descritivismo:  
Nativo.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afeiar, **não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.**

Relato  
predominante-  
mente realista  
e referencial

Uma das figuras  
de linguagem  
mais utilizadas no  
texto de Caminha  
é a comparação.  
Ela permite que  
o receptor possa  
ter uma ideia  
clara sobre a terra  
descoberta.

A **feição** deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. **Andam nus**, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta **inocência** como em mostrar o rosto.

**Porém a terra em si** é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. **Águas são muitas; infindas. E em tal maneira** é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Descritivismo:  
Natureza.

Nela, até agora, não pudemos saber que **haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro**; nem lho vimos.

Interesse de  
exploração

Confronto  
cultural.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de **as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.**

Chantada a Cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiramente lhe pregaram, armaram **altar ao pé dela**. Ali disse missa o padre **frei Henrique**, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco a ela obra de cinquenta ou sessenta deles, assentados todos de joelhos, assim como nós.

Primeira  
missa

Sugestão:  
salvação

Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será **salvar esta gente**. E esta deve ser a principal **semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.**





Victor Meirelles: *A Primeira Missa no Brasil*, 1860.



Candido Portinari: *A Primeira Missa no Brasil*, 1948. FCO: 1706, CR: 2661. Painel a têmpera/tela, 266 x 598 cm.

O quadro de Victor Meirelles, pintado durante o período romântico, representa os nativos muito curiosos com a celebração, enquanto o trabalho de Portinari exclui a participação indígena da cena. Além disso, outra diferença importante chama a atenção: a técnica realista da pintura acadêmica do século XIX contrasta imensamente com o estilo geométrico da tela pintada pelo modernista.

Além de Pero Vaz de Caminha, outros cronistas europeus ganharam relevo ao longo dos anos. O português **Pero de Magalhães Gândavo**, por exemplo, contemporâneo e amigo de Camões, é responsável pela primeira versão historiográfica sobre o Brasil em *História da província de Santa Cruz* (1576). O alemão **Hans Staden** compôs uma narrativa irônica e debochada, lembrando como sobreviveu em uma tribo de nativos antropofágicos. Já os franceses **André Thevet** e **Jean de Léry**, a partir de perspectivas diferentes, mostram os costumes indígenas, ressaltando as excentricidades dos seus costumes.



Hans Staden, ao fundo, assustado, observando uma cena antropofágica.

## JOSÉ DE ANCHIETA

O padre José de Anchieta veio para o Brasil em 1553, com apenas dezenove anos. Junto ao padre Manuel da Nóbrega, trabalhou constantemente no processo de evangelização dos índios. Escreveu, entre tantos gêneros, hinos, canções, cartas, poemas, monólogos, peças de teatro (autos) e, inclusive, uma gramática tupi, sistematizando a língua indígena. Anchieta, ou “Apóstolo do Brasil”, como é chamado, foi beatificado, em 1980, pelo papa João Paulo II e canonizado pelo também jesuíta papa Francisco em 2014.



Padre Anchieta escrevendo seus poemas na areia. Tela de Benedito Calixto de Jesus (1853-1927).

## Literatura Jesuítica

O trabalho missionário dos jesuítas, vindos da Companhia de Jesus, encontrou, na literatura, uma poderosa ferramenta. Dotada de um caráter proeminente pedagógico e pragmático, a arte dos jesuítas tinha a catequese por finalidade principal, mas nem por isso aparece totalmente despida de elementos estéticos. Assim, encontram-se, nesse tipo de produção, os primeiros poemas (geralmente em redondilhas) e peças de teatro (autos), nos quais se verifica o embate do Bem contra o Mal.

Anotações:



Observe alguns textos comentados do padre Anchieta:

### A Santa Inês

Redondilha  
menor e rimas  
cruzadas

Cordeirinha linda **A**  
Como folga o povo **B**  
Porque vossa vinda **A**  
Lhe dá lume novo! **B**

Santa: sacrifício

Cordeirinha santa,  
De Jesus querida,  
Vossa santa vinda  
O Diabo espanta.

Bem X Mal

Linguagem  
simples e ritmo:  
popular

Por isso vos canta,  
Com prazer, o povo,  
Porque vossa vinda  
Lhe dá lume novo.

Aliteraões  
"p" e "v"

Nossa culpa escura  
Fugirá depressa,  
Pois vossa cabeça  
Vem com luz tão pura

Culpa X perdão

### O Auto de São Lourenço – Quinto ato

*Dança de doze meninos, que se fez na  
procissão de São Lourenço.*

Aqui estamos jubilosos  
tua festa celebrando.  
Por teus rogos desejando  
Deus nos faça venturosos  
nosso coração guardando.

Redondilhas: a  
forma popular da  
redondilha remete  
tanto às formas  
medievais quanto às  
parábolas da Bíblia.

Bem X Mal: São Lourenço representa o bem e protege os fiéis dos perigos do mal.

Nós confiamos em ti  
Lourenço santificado,  
que nos guardes preservados  
dos inimigos aqui

Dos vícios já desligados  
nos pajés não crendo mais,  
em suas danças rituais,  
nem seus mágicos cuidados.

Catequização implica um afastamento das crenças e dos costumes indígenas.

Anotações:





## » Barroco

O estilo barroco surge no campo das artes – e, consequentemente, da literatura – como uma estética resultante da Contrarreforma. Com isso, a razão, a harmonia e o antropocentrismo, reinantes como elementos basilares do pensamento e da conduta renascentista, cedem espaço à religiosidade, estabelecendo uma coexistência paradoxal dos valores medievais com os clássicos. O resultado dessa **conciliação desarmoniosa** é um profundo conflito entre dois polos opostos que jamais se atenua, formando **antíteses** recorrentes entre corpo e alma, razão e fé, pecado e perdão.

As características da escola, portanto, seguem esses preceitos e pautam-se pelo conflito espiritual materializado por uma **linguagem ornamentada**, cheia de artifícios expressivos, que encontra na metáfora, no hipérbato, na antítese e no paradoxo sua forma mais representativa.

Vejam, na prática, os componentes do Barroco:



Nelis Boabom/IBID

Catedral de Santiago de Compostela, na Espanha.

## À instabilidade das coisas do mundo

Nasce o sol e não dura mais que um dia.  
Depois da luz, se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Antíteses —————

Transitoriedade das coisas do mundo

Porém, se acaba o sol, porque nascia?  
Se é tão formosa a luz, porque não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

—————

Dúvidas e incertezas que geram sofrimento

Mas no sol e na luz falta a firmeza;  
Na formosura, não se dê constância  
E, na alegria, sinte-se tristeza.

Consciência sobre a inconstância —————

Paradoxo

Começa o mundo, enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza:  
A firmeza somente na inconstância.

Desfecho em pensamento contraditório —————

Gregório de Matos.

## • Cultismo e Conceptismo

O Cultismo é uma variante da estética barroca reconhecida por valorizar o jogo de palavras e de imagens por meio das figuras de linguagem. Já o Conceptismo prima pelo jogo de ideias, de argumentos, de forma lógica, que leva, pelos seus próprios mecanismos, à persuasão. O Cultismo é chamado também de **Gongorismo**, pela referência ao poeta espanhol Gôngora, da mesma maneira que o Conceptismo também recebe a alcunha de **Quevedismo**, em alusão a Quevedo, inimigo pessoal e artístico de Gôngora.

Anotações:



## Gregório de Matos

Gregório de Matos, também conhecido como **Boca do Inferno** pelos poemas satíricos que escreveu, nasceu na Bahia, em 1633. Apesar de apresentar uma obra heterogênea e, principalmente, numerosa, não publicou livros em vida, sendo popularizado pelas leituras orais. Tal fato ocasiona, até hoje, grandes incertezas sobre a autoria de determinados textos que, a despeito de possuírem marcas do estilo do poeta, podem não ter sido elaborados por ele.

Segundo o poeta Fernando Pessoa, cada canto da alma de Gregório tinha um altar para um deus diferente. A frase do escritor português refere-se aos diferentes tipos de poesia do autor, que podem ser divididos da seguinte maneira: **Poesia lírico-amorosa**; **Poesia lírico-religiosa**; e **Poesia satírica**.



O poeta Gregório de Matos Guerra.

## POESIA LÍRICO-AMOROSA

A poesia lírico-amorosa de Gregório de Matos oscila entre sublimação e desejo, idealização e concretização. O amor elevado, geralmente registrado em linguagem culta e elegante, encontra melhor enlevo em mulheres que levam o eu-lírico à redenção dos pecados terrenos, ao passo que o amor obsceno é representado por figuras que o incitam à luxúria e, por conseguinte, ao pecado. Não raro, a mesma mulher pode despertar esses sentimentos opostos. Acompanhe um exemplo:

Proposição	Anjo no nome, Angélica na cara Isso é ser flor, e Anjo juntamente Ser Angélica flor, e Anjo florente Em quem, se não em vós se <b>uniformara?</b>	Mulher = anjo + flor
Desenvolvimento de ideias em forma de perguntas	Quem veria uma flor, que a não cortara De verde pé, de rama florescente? E quem um Anjo vira tão luzente Que por seu Deus, o não idolatrara?	
Lógica falha que origina um paradoxo.	Se como Anjo sois dos meus altares Fôreis o meu custódio, e <b>minha guarda</b> Livrrara eu de <b>diabólicos azares</b>  Mas vejo, que tão bela, e tão galharda Posto que os Anjos <b>nunca dão pesares</b> Sois Anjo, <b>que me tenta, e não me guarda</b>	Condição lógica  Mulher = <b>contradição</b> , pois é <b>proteção e tentação</b> .

Gregório de Matos Guerra.

## POESIA LÍRICO-RELIGIOSA

A poesia lírico-religiosa reflete a postura dual do sujeito barroco ao transitar entre o pecado que seduz e o perdão que absolve. Assim, o eu-lírico, normalmente, principia sua explanação com uma confissão de seus erros para, logo em seguida, trabalhar, conceptivamente, sua absolvição. Esse percurso ocorre de modo lógico e gradual, no qual o próprio autor advoga a seu favor. O poema abaixo deixa bastante clara essa conduta; vejamos:

### A Jesus Cristo nosso Senhor.

Arrependimento e culpa	Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado, de vossa alta clemência me despido; porque quanto mais tenho delinquido, vos tenho a perdoar mais empenhado.  Se basta a vos irar tanto um pecado, a abrandar-vos sobeja um só gemido: <b>que a mesma culpa</b> , que vos há ofendido, vos tem para o perdão lisonjeado.	Admite o pecado, mas não dispensa o perdão divino.
Jogo lógico que garante, racionalmente, sua absolvição.	Se uma ovelha perdida e já cobrada, glória tal e prazer tão repentino vos deu, <b>como afirmais na sacra história</b> ,  eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada, cobrai-a; e não queirais, pastor divino, perder na vossa ovelha a vossa glória.	Apelo a um episódio bíblico

Gregório de Matos Guerra.



## POESIA SATÍRICA

Quando Gregório de Matos retornou da Europa, em 1682, encontrou um cenário brasileiro que havia se modificado sensivelmente. O arrivismo mercantil subvertia a antiga ordem social, e ele, filho de um senhor de engenho, via sua classe perder privilégios em detrimento da ascensão de novos comerciantes.

Resulta dessa realidade uma poesia ácida, engajada em satirizar, ora com violência e tristeza, ora com deboche es-crachado, vários setores da sociedade baiana, incluindo portugueses, colonos, padres, mestiços e negros. Ninguém se livrou da má língua do “Boca do Inferno”.

Leia o poema a seguir para perceber a sátira elaborada por Gregório de Matos.

### Triste Bahia

As mudanças  
que se operam  
em relação ao  
sujeito são as  
mesmas da  
Bahia.

Troca de  
açúcar por  
“drogas inú-  
teis”, ou seja,  
mercadorias  
baratas

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante  
Estás e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,  
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado,  
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote!

Gregório de Matos Guerra.

Crítica  
mercantil

Desfecho  
em teor  
moralizante

## INTERTEXTUALIDADE

No ano de 1972, o músico **Caetano Veloso**, exilado em Londres, lançou o disco *Transa*. Nele, encontra-se a canção *Triste Bahia*, que apresenta os versos iniciais do poema de Gregório. Na composição, o tom crítico permanece, embora reatualizado para o contexto do século XX.



Caetano Veloso.

26º Prêmio da Música Brasileira/2010

Anotações:

## A uma que lhe chamou "Pica-Flor"

Se Pica-Flor me chamais,  
Pica-Flor aceito ser,  
Mas resta agora saber,  
Se no nome que me dais,  
Meteis a flor que guardais  
No passarinho melhor!  
Se me dais este favor,  
Sendo só de mim o Pica,  
E o mais vosso, claro fica,  
Que fico então Pica-Flor.

Gregório de Matos Guerra.

Esse poema, feito em resposta a uma freira que satirizou o autor, exagera nas ambiguidades, nas ironias e nas sugestões de caráter sexual. Assim, o "Boca do Inferno" encarava certas desavenças pessoais.

## Define a sua cidade

Mote — De dois ff se compõe  
esta cidade a meu ver:  
um furtrar, outro foder.

— Linguagem vulgar

Recopilou-se o direito,  
e quem o recopilou  
com dous ff o explicou  
por estar feito, e bem feito:  
por bem digesto, e colheito  
só com dous ff o expõe,  
e assim quem os olhos põe  
no trato, que aqui se encerra,  
há de dizer que esta terra  
de dous ff se compõe.

— Desenvolvimento  
em décimas:  
forma popular.

Se de dous ff composta  
está a nossa Bahia,  
errada a ortografia,  
a grande dano está posta:  
eu quero fazer aposta  
e quero um tostão perder,  
que isso a há de perverter,  
se o furtrar e o foder bem  
não são os ff que tem  
esta cidade ao meu ver.

— Crítica desvelada:  
mais uma vez,  
o poeta cita a  
Bahia.

Provo a conjetura já,  
prontamente como um brinco:  
Bahia tem letras cinco  
que são B-A-H-I-A:  
logo ninguém me dirá  
que dous ff chega a ter,  
pois nenhum contém sequer,  
salvo se em boa verdade  
são os ff da cidade  
um furtrar, outro foder.

Gregório de Matos Guerra.

— Apesar de a pa-  
lavra Bahia não  
ter nenhum "f", o  
comportamento  
de seus habitan-  
tes é pautado  
por ações que  
começam pela  
letra citada.

## • Padre Antônio Vieira

O padre jesuíta Antônio Vieira dividiu-se, ao longo de sua vida, entre Portugal, sua terra natal, e o Brasil. Figura extremamente polêmica, foi perseguido pela Inquisição devido as suas controversas profecias, nas quais seu país gozaria de um definitivo prestígio religioso e político. No Brasil, indispôs-se com os colonos do Maranhão, ao defender os índios da região.

No plano da literatura, o imperador da língua portuguesa, nas palavras de Fernando Pessoa, pregou e escreveu seus **sermões**. Dotados de um fascinante poder de persuasão, eles se fundamentam na retórica poderosa do autor, aliada, principalmente, à agudeza de seu pensamento e a decifrações ocultas de passagens da Bíblia. Seus textos mais emblemáticos são o *Sermão da Sexagésima*, o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, o *Sermão do Bom Ladrão* e o *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*.

Anotações:



Padre Antônio Vieira.



Leia o texto a seguir e compreenda os elementos fundamentais da prosa de Vieira:

Passagem da Bíblia, em latim: Êxodo, 32	<p><b>Ne, quaeo, dicant Aegypti:</b> Olhai, <b>Senhor</b>, que vivemos entre gentios, uns que o são, outros que o foram ontem; e estes que dirão? Que dirá o Tapuia bárbaro sem conhecimento de Deus? Que dirá o Índio inconstante, a quem falta a pia afeição da nossa Fé? Que dirá o Etíope boçal, que apenas foi molhado com a água do baptismo sem mais doutrina? Não há dúvida que todos estes, como não têm capacidade para sondar o profundo de vossos juízos, beberão o erro pelos olhos. <b>Dirão, pelos efeitos que veem, que a nossa Fé é falsa, e a dos holandeses a verdadeira, e crerão que são mais cristãos, sendo como eles.</b> A seita do herege torpe e brutal concorda mais com a brutalidade do bárbaro; a largueza e soltura da vida, que foi a origem e é o fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e corrupção do gentilismo; e que pagão haverá que se converta à Fé que lhe pregamos, ou que novo cristão já convertido, que se não perverta, entendendo e persuadindo-se uns e outros que no herege é premiada a sua lei, e no Católico se castiga a nossa? Pois se estes são os efeitos, posto que não pretendidos, de vosso rigor e castigo, justamente começado em nós, se ateia e passa com tanto dano aos que não são cúmplices das nossas culpas: <b>Cur irascitur furor tuus?</b> Por que continua sem estes reparos o que vós mesmo chamastes furor? E por que não acabais já de embainhar a espada de vossa ira?</p>	Invocação: Deus como interlocutor
Jogo de perguntas e respostas		Defesa da fé católica
Defesa de Portugal, no conflito contra Holanda		Os nativos são vistos como incapazes de diferenciar concepções de fé

Trecho: Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda.

- ▶ **Sermão da Sexagésima:** esse sermão, pregado em Lisboa, em 1655, na Capela Real, aborda o próprio tema da pregação, desenvolvendo críticas a outras ordens religiosas, bem como ao estilo cultista. Em síntese, o texto parte da passagem bíblica do semeador. Vieira, utilizando seu conceptismo, relaciona o semeador com o pregador, discorrendo sobre suas possíveis virtudes e defeitos do último. Por fim, conclui que o maior dever está em não tentar agradar seus ouvintes, mas cumprir seu trabalho da melhor maneira. Afinal, é a partir das suas palavras que os fiéis podem se salvar.
- ▶ **Sermão de Santo Antônio aos Peixes:** pregado no Maranhão, em 1654, nesse sermão, Vieira fala, basicamente, aos colonos da terra, advogando pelos menos favorecidos, no caso, os índios escravizados. De natureza alegórica, expressa-se por meio de uma relação intrincada de semelhanças e diferenças entre peixes e homens, condenando certos comportamentos, que, na visão do autor, são as atitudes dos colonos.

Anotações:





## » Arcadismo

O Arcadismo, ou **Neoclassicismo**, busca a retomada dos ideais clássicos, como a Harmonia, a Beleza e a Verdade, com base no racionalismo oriundo do **Iluminismo** do século XVIII. Para dissipar a desarmonia barroca de outrora, os árcades buscaram a simplicidade da vida no campo, idealizando a relação do homem com a natureza e tornando-a decorativa. Assim, há todo um padrão estético resgatado da Antiguidade, que pode, de forma geral, ser sumarizado por expressões latinas:

- ▶ *Aurea Mediocritas*: mediocridade dourada;
- ▶ *Locus Amoenus*: lugar ameno;
- ▶ *Inutilia Truncat*: retirar o que é inútil;
- ▶ *Fugere Urbem*: fugir da cidade;
- ▶ *Carpe Diem*: aproveite o dia.



William Homan Hunt - *The Hireling Shepherd* (1851).

O Arcadismo, no Brasil, tem uma ligação muito íntima com o movimento da **Inconfidência Mineira**. Inclusive, pode-se falar nos Poetas Inconfidentes, pois, além de cultivarem e nortear a vida cultural na Colônia, ainda se engajaram nas lutas pela independência.

É o caso dos dois nomes mais célebres da poesia lírica: Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga. O primeiro, a despeito de participação mais branda, foi preso e acabou por morrer (em um caso muito discutido) pouco tempo depois, enquanto o segundo foi obrigado a afastar-se de sua jovem amada Maria Doroteia, condenado ao exílio, em Moçambique, até a data de sua morte.

## • Poesia Lírica

### Cláudio Manuel da Costa

Cultivando o pseudônimo pastoril de Glauceste Satúrnio, Cláudio Manuel da Costa viveu em Portugal durante o período de sua formação em Direito. Ao regressar a sua terra natal, Minas Gerais, nunca conseguiu se livrar das comparações entre a cidade e o campo, o sofisticado e o rústico. Nasceu, a partir disso, uma arte que, se na forma e no tema é árcade por excelência, na linguagem e no sentimento ainda se ressentia de demarcações barrocas.

Suas peculiaridades artísticas mais notáveis são:

- ▶ o uso de apóstrofes, em suas confissões à natureza;
- ▶ a recorrência à imagem da pedra, que rompe com o bucolismo decorativo da escola;
- ▶ a presença de figuras femininas inatingíveis, na invocação às ninfas, remetendo tanto a mulheres do passado quanto a *personas* imateriais, o que reforça a idealização amorosa presente em sua poesia.



Cláudio Manuel da Costa.

Anotações:



Vejamos o exemplo a seguir:

Influência do soneto camoniano	Torno a ver-vos, ó montes; o destino Aqui me torna a pôr nestes <b>oiteiros</b> ; Onde um tempo os gabões deixei <b>grosseiros</b> Pelo traje da <b>Corte rico, e fino</b> .	Jogo: cidade X campo.
Pastoralismo	Aqui estou entre <b>Almendro</b> , entre <b>Corino</b> , Os meus fiéis, meus doces companheiros, Vendo correr os <b>miseros vaqueiros</b> Atrás de seu cansado desatino.	Referências clássicas
Campo superior à cidade	Se o bem desta <b>choupana</b> pode tanto, Que chega a ter <b>mais preço, e mais valia</b> , Que da <b>cidade</b> o lisonjeiro encanto;	Esquema de rimas: ABBA ABBA CDC CDC.
Desfecho: alegria pela aproximação da natureza.	Aqui descanse a louca fantasia; E o que até agora se tornava em <b>pranto</b> , Se converta em <b>afetos de alegria</b> .	
Ninfa Nise: mitologia.	<b>Nise? Nise?</b> onde estás? Aonde <b>espera</b> Achar te uma alma, que por ti <b>suspira</b> , Se quanto a vista se dilata, e <b>gira</b> , Tanto mais de encontrar te <b>desespera!</b>	Imitação dos clássicos: convencionalismo neoclássico.
Idealização: mulher inalcançável.	Ah se ao menos teu nome ouvir pudera Entre esta aura suave, que respira! <b>Nise</b> , cuidado, que diz; mas é mentira. <b>Nise, cuidei que ouvia; e tal não era.</b>	Anáfora
Apóstrofe: natureza como confidente.	<b>Grutas, troncos, penhascos da espessura</b> , Se o meu bem, se a minha alma em vós se esconde, <b>Mostrai, mostrai-me</b> a sua formosura.  Nem ao menos o eco me responde! Ah como é certa a minha desventura! <b>Nise? Nise? onde estás? aonde? aonde?</b>	Aliteraões e assonâncias  Desfecho em retomada do início: dúvida permanente.

Cláudio Manuel da Costa.

## Tomás Antônio Gonzaga

Após nascer em Portugal, vir para o Brasil e retornar à terra natal para completar seus estudos em Direito, Tomás Antônio Gonzaga estabeleceu-se no Brasil, mais uma vez, aos trinta e oito anos, na condição de **Ouvidor Geral de Vila Rica**, em Minas Gerais. Seu amor pela jovem **Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão** fez com que escrevesse a maior obra lírica da literatura colonial e, quem sabe, da literatura brasileira até hoje: *Marília de Dirceu*. Apesar de chegar com a moça, teve seus planos impedidos pelo envolvimento político com a **Inconfidência**. Preso e condenado ao exílio em Moçambique, embarcou para a África e nunca mais a viu. Mais tarde, casou-se com Juliana de Mascarenhas e teve uma filha.

### MARÍLIA DE DIRCEU

A obra *Marília de Dirceu* reflete, em contornos estéticos, evidentemente, o relacionamento amoroso de Tomás Antônio Gonzaga e Maria Doroteia. Dividido em três partes, publicadas, respectivamente, em 1792, 1799 e 1812, a obra apresenta os sentimentos, os ensinamentos e as idealizações do pastor intelectualizado Dirceu e seus planos de viver com a amada Marília no ambiente ameno do campo.

Anotações:



Abaixo, com base nos fragmentos da obra, faremos uma análise textual com o intuito de apresentar suas características:

### Parte I - Lira I

Marília como interlocutora

Pastor intelectual, não rude

Versos em decassílabo e refrão em heroico quebrado

Maturidade que lhe traz experiência, virtude.

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio gado;  
De tosco trato, d'expressões grosseiro,  
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.  
Tenho próprio casal, e nele assisto;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,  
E mais as finas lãs, de que me visto.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,  
Dos anos inda não está cortado:  
Os pastores, que habitam este monte,  
Respeitam o poder do meu cajado  
Com tal destreza toco a sanfoninha,  
Que inveja até me tem o próprio Alceste:  
Ao som dela concerto a voz celeste;  
Nem canto letra, que não seja minha,  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Pastor com propriedades, diferente dos humildes vaqueiros. Acrescenta-se que ela era de família mais nobre que a dele.

Refrão: gosto popular.

Pastor artista: dotes musicais de execução e composição.

### Parte I - Lira II

Diálogo com a tradição: versos em redondilhas.

O Amor não é o Cupido, é a própria Marília.

Pintam, Marília, os Poetas  
A um menino vendado,  
Com uma aljava de setas,  
Arco empunhado na mão;  
Ligeiras asas nos ombros,  
O tenro corpo despido,  
E de Amor, ou de Cupido  
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,  
Que assim seja Amor; pois ele  
Nem é moço, nem é cego,  
Nem setas, nem asas tem.  
Ora pois, eu vou formar-lhe  
Um retrato mais perfeito,  
Que ele já feriu meu peito;  
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabelos,  
Que sobre as costas ondeiam,  
São que os de Apolo mais belos;  
Mas de loura cor não são.  
Têm a cor da negra noite;  
E com o branco do rosto  
Fazem, Marília, um composto  
Da mais formosa união

Referências mitológicas



Pollini/REID

O amor de Gonzaga e Maria Doroteia foi abordado liricamente na obra de cunho autobiográfico *Marília de Dirceu*.

Relações entre poesia e pintura: descrição de Marília marcada pela beleza harmônica.

Tomás Antonio Gonzaga.

Anotações:



## Parte II - Lira XII

“Voz” de Marília nas suposições levantadas pelo sujeito poético

Amor sadio, que instrui.

Menção à prisão: a segunda parte da obra foi composta enquanto Gonzaga estava preso. Nela, ele se diz inocente.

Quando lewares, Marília,  
Teu ledo rebanho ao prado,  
Tu dirás: “Aqui trazia  
Dirceu também o seu gado.”  
Verás os sítios ditosos  
Onde, Marília, te dava  
Doces beijos amorosos  
Nos dedos da branca mão.  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.  
Quando à janela saíres,  
Sem queres, descuidada,  
A minha pobre morada.  
Tu dirás então contigo:  
“Ali Dirceu esperava  
Para me levar consigo;  
E ali sofreu a prisão.”  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Refrão: paralelismo.

Lembrança do amor: melancolia.

Deuses: mitologia greco-latina.

## Parte III - Lira III

Verás em cima da espaçosa mesa  
Altos volumes de enredados feitos;  
Ver-me-ás folhear os grandes livros,  
E decidir os pleitos.  
Enquanto revolver os meus consultos.  
Tu me farás gostosa companhia,  
Lendo os fatos da sábia mestra história,  
E os cantos da poesia.  
Lerás em alta voz a imagem bela,  
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,  
Gostoso tornarei a ler de novo  
O cansado processo.

Tomás Antonio Gonzaga.

Na terceira parte, as figuras de pastor (literatura) e ouvidor (realidade) fundem-se. É como se o poeta cansasse, por alguns momentos, da convenção pastoril e assumisse uma visão mais condizente com a vida dos dois enamorados.

## CARTAS CHILENAS

*Cartas Chilenas* foram textos que circularam amplamente pela cidade de Vila Rica no período anterior à Inconfidência Mineira. Assinadas por Critilo e enviadas a Doroteu, as treze cartas, escritas em versos decassílabos brancos, satirizam o governante de Santiago do Chile, Fanfarrão Minésio. Na verdade, esses nomes ocultam um jogo de pseudônimos que se revelou muito mais tarde. Critilo é, em verdade, Tomás Antônio Gonzaga, ao passo que Doroteu é Cláudio Manuel da Costa. Já Fanfarrão é o governador de Minas, Luís da Cunha Meneses, atacado pela corrupção e pela incompetência.

Anotações:



## • Poesia Épica

Basílio da Gama

### O URAGUAI



Visão frontal da Igreja de São Miguel Arcanjo, marco de um dos Sete Povos das Missões.



Azulejos portugueses presentes nas ruas da Colônia de Sacramento.

*O Uruguai*, escrito em 1769, por Basílio da Gama, é uma obra peculiar da literatura brasileira. A fim de entendê-la detalhadamente, é necessário que se revelem alguns traços definidores da biografia do autor, pois, por meio dela, percebemos a grande finalidade do poema e a maneira correta de interpretá-lo.

José Basílio da Gama era filho de pai português e mãe brasileira. Nascido no Brasil, aos dezesseis anos ingressou como estudante na Companhia de Jesus, construindo uma bela formação jesuítica marcada pela aplicação nos estudos e pela habilidade do manejo linguístico. No entanto, Basílio desligou-se da ordem no ano de 1760, justamente alguns meses após o primeiro-ministro português Sebastião José de Carvalho e Melo (futuro Marquês de Pombal) expulsar os jesuítas do país. Essa conduta talvez explique a opinião do crítico Capistrano de Abreu, que afirmou ser Basílio da Gama um homem com “mais talento do que brio”. Percebemos, a partir do fato, que a vida e os posicionamentos do autor vão se relacionar comodamente com as situações da época e culminar na criação da obra analisada.

Depois de tais eventos, o escritor partiu para a Itália, onde participou da Arcádia Romana, assumindo o pseudônimo de Termino Sipílio. Encontramos, aqui, um período próspero artisticamente, marcado por muitas aprendizagens e formação de um estilo próprio na arte de escrever. Em seguida, em 1768, Basílio, já em Portugal, foi preso por decreto do primeiro-ministro Sebastião (futuro Marquês de Pombal), pela sua proximidade com os jesuítas. Desesperado, o escritor construiu um belíssimo poema de casamento, chamado *Epitalâmio da excelentíssima senhora dona Maria Amália*, para a filha de Sebastião, exaltando as qualidades do pai da noiva. Excessivamente tocado pela homenagem, o ministro libertou Basílio e nomeou-o seu secretário. No ano seguinte, o autor escreveu *O Uruguai*, obra que vai tratar da Guerra Guaranítica e evidenciar as virtudes do governo português.

Na Guerra mencionada, encontramos os elementos fundamentais para o desenvolvimento das ideias do an-

tigo acusado. O combate aconteceu fruto do Tratado de Madrid, firmado entre Portugal e Espanha, em 1750.

O tratado rearranjou os limites territoriais dos dois países. A Colônia de Sacramento ficou como posse da Espanha, e Portugal exerceu sua dominação sobre Os Sete Povos das Missões, lugar notadamente colonizado pelos padres jesuítas. Como os índios e os jesuítas se negaram a deixar o território, portugueses e espanhóis marcharam em direção às missões e garantiram seu espaço dizimando o povo indígena. No total foram aproximadamente 30.000 mortos na região. No entanto, o que podemos perceber, na visão tendenciosa de Basílio da Gama, é o heroísmo português ao libertarem os índios do jugo religioso e malféfico dos padres.

Sabendo, agora, os motivos que levaram o autor a construir seu texto, vamos nos deter na estrutura do poema épico, elaborada engenhosamente por ele. *O Uruguai* é composto por:

- ▶ 1.377 versos;
- ▶ cinco cantos;
- ▶ versos decassílabos (dez sílabas poéticas) brancos (sem rima);
- ▶ ausência de estrofação.

O modelo proposto surpreende, pois rompe com o modelo clássico de Camões e com a obra *Os Lusíadas*, elaborada em dez cantos. A ruptura não fica restrita ao âmbito formal e estende-se ao campo temático. O livro trata como argumento um assunto relativamente recente para a época, diferente de outros poemas épicos tradicionais.

Embora haja tantos elementos que destoam da proposta convencional do Arcadismo, a obra apresenta a distribuição clássica do poema épico, formada por: proposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo. No início do texto, existe um poema dedicado ao Conde de Oeiras (futuro Marquês de Pombal).



O poema narra as Guerras Guaraníticas. De um lado, Gomes Freire de Andrade, comandante das tropas luso-castelhanas e herói da narrativa; de outro, Cacambo e Sepé Tiaraju, líderes dos indígenas, fortes e bravos guerreiros, mas manipulados pelo padre jesuíta Balda, cujo objetivo é ter o poder sobre a nação indígena. Sepé morre em combate, Cacambo é enganado por Balda e envenenado pelo padre. Assim, a esposa de Cacambo, Lindoia, fica viúva, e o padre cria um ardil para que ela se case com o “filho das suas orações”, Baldetta. No dia do casamento, Lindoia foge, deitando-se na floresta e permitindo que uma serpente morda-lhe os seios. O padre Balda, furioso com o suicídio, começa a colocar fogo em tudo ao seu redor. Nesse momento, as tropas comandadas por Gomes Freire de Andrade chegam e perseguem os padres em fuga, até capturá-los. Assim, os indígenas compreendem o valor dos portugueses e ficam agradecidos. Obviamente que isso é o ponto de vista de Basílio da Gama, que se mostrava pró-Portugal.

## Santa Rita Durão

Apesar de Santa Rita Durão ter iniciado seus estudos com os padres jesuítas no Rio de Janeiro, o poeta e frei partiu ainda criança para Portugal. Com a queda de Pombal e de toda a sua política, em 1777, começou a lecionar Teologia na Universidade de Coimbra. No âmbito da literatura, compôs o épico *Caramuru*, obra que possui seu valor muito atrelado ao fato de seguir os padrões estruturais de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. No plano do conteúdo, o enredo preocupa-se em narrar as aventuras do náufrago português Diogo Álvares Correia, que, em meio aos índios Tupinambás, apresenta-lhes a fé católica e conquista o amor da índia de características de mulher portuguesa, Paraguaçu. A passagem mais lembrada, no entanto, é a morte de Moema. Partindo a nado atrás de Diogo, a quem nutria grande sentimento, acaba por morrer tragicamente.



Moema, de Victor Meirelles, 1866.

Anotações:

Acompanhe, nos versos abaixo, trechos da obra:

### Caramuru - Canto VI

XXXVII

**Total de dez cantos**  
Copiosa multidão da nau francesa  
Corre a ver o espetáculo assombrada;  
E, ignorando a ocasião de estranha empresa,  
Pasma da turba feminil que nada.  
Uma, que às mais precede em gentileza,  
Não vinha menos bela do que irada;  
**Narrador distante** Era Moema, que de inveja geme,  
E já vizinha à nau se apega ao leme.

Versos decassílabos e oitava rima ABABABCC

XXXVIII

**Voz de Moema**  
“- Bárbaro (a bela diz), tigre e não homem...  
Porém o tigre, por cruel que breme,  
Acha forças amor que enfim o domem;  
Só a ti não domou, por mais que eu te ame.  
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem.  
Como não consumis aquele infame?  
Mas apagar tanto amor com tédio e asco...  
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco?

Insensibilidade de Diogo, na visão da índia, metaforizada em elementos da natureza.

XLI

**Referência ao “raio” invocado por Diogo: tiro de arma de fogo.**  
Enfim, tens coração de ver-me aflita,  
Flutuar moribunda entre estas ondas;  
Nem o passado amor teu peito incita  
A um ai somente com que aos meus respondas!  
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,  
(Disse, vendo-o fugir), ah não te escondas!  
Dispara sobre mim teu cruel raio...”  
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

Retorno da voz do narrador

XLII

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,  
Pálida a cor, o aspecto moribundo;  
Com mão já sem vigor, soltando o leme,  
Entre as salsas escumas desce ao fundo.  
Mas na onda do mar, que irado freme,  
Tornando a aparecer desde o profundo,  
- Ah! Diogo cruel! - disse com mágoa,  
E, sem mais vista ser, sorveu-se n'água.

Morte narrada com interferência da voz da personagem

Santa Rita Durão.

Anotações:



## » Classificação dos versos

A intensidade expressiva da obra lírica exige um trabalho muito especial do poeta sobre a sonoridade do texto. Vejamos alguns elementos básicos de versificação e da estrutura de um poema.

### Métrica

Métrica é o estudo da medida dos versos. A métrica de um verso é determinada pelo número de sílabas poéticas. Esse processo de contagem chama-se **escansão** e segue alguns passos:

- ▶ a sílaba poética é diferente da sílaba gramatical;
- ▶ a contagem é feita até a última sílaba tônica dos versos;
- ▶ uma vogal final de uma palavra pode unir-se com outra vogal da palavra seguinte, constituindo o que chamamos de **elisão**, menos se a vogal da esquerda for da sílaba tônica.

Sabendo quantas sílabas poéticas tem um determinado verso, podemos classificá-lo assim:

Verso	Denominação
Uma sílaba poética	Monossílabo
Duas sílabas poéticas	Dissílabo
Três sílabas poéticas	Trissílabo
Quatro sílabas poéticas	Tetrassílabo
Cinco sílabas poéticas	Pentassílabo ou <b>redondilha menor</b>
Seis sílabas poéticas	Hexassílabo
Sete sílabas poéticas	Heptassílabo ou <b>redondilha maior</b>
Oito sílabas poéticas	Octassílabo
Nove sílabas poéticas	Eneassílabo
Dez sílabas poéticas	Decassílabo
Onze sílabas poéticas	Hendecassílabo
Doze sílabas poéticas	Dodecassílabo ou alexandrino
Mais de doze sílabas poéticas	<b>Bárbaro</b>

### Rima

É um recurso musical baseado na semelhança sonora das palavras no final dos versos (rima externa) e, às vezes, no interior dos versos (rima interna). São vários os critérios para classificação das rimas:



Reprodução autorizada por Alexandre Beck

### Classificação das rimas

#### QUANTO AO VALOR

**Pobres:** quando as palavras que rimam pertencem à mesma classe gramatical.

- Exemplo:

“Não acabava, quando uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida.  
De disforme e grandíssima estatura;  
O rosto carregado, a banda esquelada.”

substantivos  
adjetivos

Luís de Camões.

A rima pobre utiliza palavras abundantes e comumente empregadas na língua.

**Ricas:** quando as palavras que rimam pertencem a classes gramaticais diferentes.

- Exemplo:

“Alma minha gentil, que te partiste  
tão cedo desta vida descontente,  
repousa lá no seu eternamente,  
e viva eu cá na terra sempre triste.”

Luís de Camões.

- ▶ partiste/triste: verbo e adjetivo;
- ▶ descontente/eternamente: adjetivo e advérbio.

**Raras:** formadas entre palavras para as quais há poucas rimas possíveis.

- Exemplo:

“Para que não ter por ti desprezo? Por que não perdê-lo?...  
Ah, deixa que eu te ignore... O teu silêncio é um leque –  
Um leque fechado, um leque que aberto seria tão belo,  
tão belo,

Mas mais belo é não o abrir, para que a Hora não peque...”

Fernando Pessoa.

#### QUANTO À DISPOSIÇÃO

**Encadeadas:** rimas de fim de verso com o interior do verso seguinte.

“Quando a alta noite n’ampidão **flutua**  
Pálida a **lua** com fatal palor,  
Não sabes, virgem, que eu por ti **suspiro**  
E que **deliro** a suspirar de amor.”

Castro Alves.



## » Literatura Portuguesa

### Lírica trovadoresca

O Trovadorismo foi o período da cultura portuguesa que se iniciou em 1189 e estendeu-se até 1434. A literatura lírica dessa época manifestou-se por meio das cantigas, textos poéticos acompanhados de música. As cantigas dividem-se em:

- ▶ **Líricas** - de amor de amigo
- ▶ **Satíricas** - de escárnio (sátiras indiretas) de maldizer (sátiras diretas)

Cantiga de amor	Cantiga de amigo
Eu-lírico masculino	Eu-lírico feminino
Autoria masculina	Autoria masculina
Mulher superior	Mulher real



Tocador de alaúde, iluminura das *Cantigas de Santa Maria*.

#### Cantiga de Amor

Senhora minha, desde que vos vi,  
lutei para ocultar esta paixão  
que me tomou inteiro o coração;  
mas não o posso mais e decidi  
que saibam todos o meu grande amor,  
a tristeza que tenho, a imensa dor  
que sofro desde o dia em que vos vi.

Quando souberem que por vós sofri  
Tamanha pena, pesa-me, senhora,  
que diga alguém, vendo-me triste agora,  
que por vossa crueza padeci,  
eu, que sempre vos quis mais que ninguém,  
e nunca me quiseste fazer bem,  
nem ao menos saber o que eu sofri.

**Cruzadas:** rimas que se apresentam em versos alternados.

“Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada **A**  
E triste, e triste e fatigado eu vinha. **B**  
Tinhas a alma de sonhos povoada, **A**  
E a alma de sonhos povoada eu tinha...” **B**

Olavo Bilac.

**Intercaladas, interpoladas ou opostas:** rimam os versos extremos de uma estrofe.

“Disse um dia Jeová **A**  
Vai Colombo, abre a cortina **B**  
Da minha eterna oficina... **B**  
Tira a América de lá! **A**

Castro Alves.

**Emparelhadas:** sucedem-se duas a duas, ou seja, rimam-se os versos que se sucedem.

– Dize, Juca Mulato, o mal que te tortura. **A**  
– Roque, eu mesmo não sei se este meu mal tem cura. **A**  
– Sei rezas com que venço a qualquer mau olhado, **B**  
breves para deixar o corpo fechado.” **B**

Menotti Del Picchia.

**Misturadas:** não respeitam uma ordem ou sequência lógica.

Nas horas mortas da noite **A**  
Como é doce o meditar **B**  
Quando as estrelas cintilam **C**  
Nas ondas quietas do mar; **B**  
Quando a lua majestosa **D**  
Surgindo linda e formosa, **D**  
Como donzela vaidosa **D**  
Nas águas se vai mirar! **B**

Castro Alves.

**Versos brancos:** são aqueles que não apresentam rimas.

**Versos livres:** são aqueles que não apresentam versos com métrica constante.

### Estrofe

É o agrupamento de versos do poema. Classificam-se em:

1 verso - monóstico	2 versos - dístico
3 versos - terceto	4 versos - quarteto
5 versos - quinteto	6 versos - sexteto
7 versos - sétima	8 versos - oitava
9 versos - nona	10 versos - décima



## Cantiga de Amigo

Ondas do mar de Vigo  
Se vires meu namorado!  
Por Deus, (digam) se virá cedo!

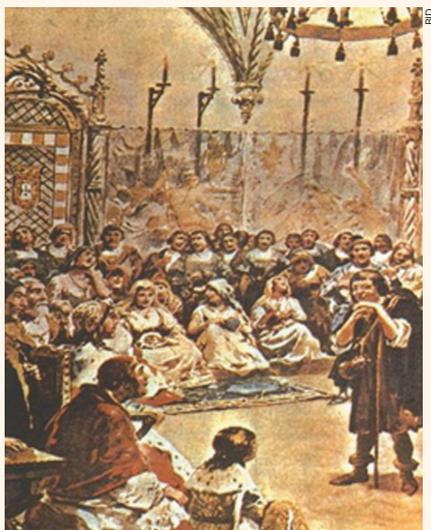
Ondas do mar revolto,  
Se vires o meu namorado!  
Por Deus, (digam) se virá cedo!

Se vires meu namorado,  
Aquele por quem eu suspiro!  
Por Deus, (digam) se virá cedo!

Se vires meu namorado  
Por quem tenho grande temor!  
Por Deus, (digam) se virá cedo!

## Humanismo

O Humanismo português notabilizou-se pelo trabalho desenvolvido pelos cronistas e, principalmente, pelo teatro popular, iniciado no século XVI com o escritor Gil Vicente. Nas peças do dramaturgo, é possível acompanhar as características de uma sociedade que passava por intensas modificações. Gil Vicente compôs 44 peças. Entre elas, destacam-se *O Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Feira* e *Farsa de Inês Pereira*.



O *Monólogo do Vaqueiro*, como teria sido representado pelo próprio Gil Vicente, de acordo com a visão do pintor Roque Gameiro.

Anotações:

## Classicismo

O Classicismo português surgiu em pleno Renascimento e evidenciou-se como o período de maior esplendor cultural lusitano. Suas características principais foram a busca pela perfeição estética, a imitação dos modelos greco-romanos e a retomada da mitologia pagã. Dessa época destacam-se os autores Sá de Miranda, Antônio Ferreira e, especialmente, Luís Vaz de Camões.

### Camões

► **Poesia lírica:** o poeta construiu sua literatura lírica ao se utilizar de dois tipos de inspirações literárias, ora intimamente ligada às tradições portuguesas, ora atrelada ao estilo novo, do Renascimento. O tema mais comum desses poemas é o amor.

Busque Amor novas artes, novo engenho,  
Para matar-me, e novas esquivanças;  
Que não pode tirar-me as esperanças,  
Que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!  
Vede que perigosas seguranças!  
Que não temo contrastes nem mudanças,  
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto  
Onde esperança falta, lá me esconde  
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n'alma me tem posto  
Um não sei quê, que nasce não sei onde,  
Vem não sei como, e dói não sei porquê.

► **Poesia épica:** Camões escreveu a obra-prima da literatura portuguesa, a epopeia *Os Lusíadas*. O livro narra as aventuras da expedição marítima chefiada por Vasco da Gama às Índias, em 1497. A obra foi publicada em 1572 e é composta por dez cantos distribuídos em oitava real, somando 8.816 versos decassílabos e 1.102 estrofes.

### Episódios importantes de *Os Lusíadas*

#### ► Inês de Castro (canto III)

O trecho revela o amor proibido de D. Inês e o príncipe D. Pedro. Preocupado com questões políticas, o rei D. Afonso manda assassinar a dama, mas acaba se convencendo da nobreza sentimental da mulher. Pressionado pelos conselheiros, o rei acaba cumprindo a ordem. Quando D. Pedro torna-se rei, decide coroar o cadáver de Inês e perseguir todos aqueles que conspiraram a morte da amada.

#### ► Velho do Restelo (canto IV)

Na praia de Restelo, um velho discursa longamente contra as grandes navegações. A busca pela glória e pela fama representaria um distanciamento das virtudes cristãs. O trecho considera, além disso, uma visão pesarosa da viagem ao mencionar a morte de muitos portugueses no percurso.



Súplica de Inês de Castro, do pintor Vieira Portuense.

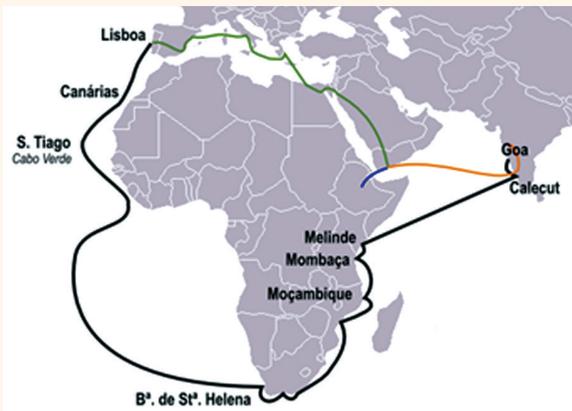
Anotações:

► **Gigante Adamastor (canto V)**

No canto V, Vasco da Gama narra ao rei de Melinde as aventuras da viagem de Portugal ao Canal de Moçambique. As dificuldades são representadas por doenças e tempestades. O cabo das tormentas personifica-se na figura do Gigante Adamastor, vencido pelos portugueses.

► **Ilha dos Amores (cantos IX e X)**

O trecho mostra o início do retorno a Portugal. Os navegadores param na Ilha dos Amores, onde encontram sua recompensa nos afagos carinhosos das ninfas. Vasco da Gama é guiado por Tétis, mãe de todas as ninfas.



Caminho percorrido pelos portugueses, em *Os Lusíadas*.

Anotações:



Anotações:

# HABILIDADES À PROVA 1

## » Conceitos de Literatura

### ○ 1. (ENEM-2020)

*Vou-me embora p'ra Pasárgada* foi o poema de mais longa gestação em toda a minha obra. Vi pela primeira vez esse nome Pasárgada quando tinha os meus dezesseis anos e foi num autor grego. [...] Esse nome de Pasárgada, que significa “campo dos persas” ou “tesouro dos persas”, suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias, como o de *L'invitation au Voyage*, de Baudelaire. Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na minha casa da Rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito em minha vida por motivo da doença, saltou-me de súbito do subconsciente este grito estapafúrdio: “Vou-me embora p'ra Pasárgada!” Senti na redondilha a primeira célula de um poema, e tentei realizá-lo, mas fracassei. Alguns anos depois, em idênticas circunstâncias de desalento e tédio, me ocorreu o mesmo desabafo de evasão da “vida besta”. Desta vez o poema saiu sem esforço como se já estivesse pronto dentro de mim. Gosto desse poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; [...] Não sou arquiteto, como meu pai desejava, não fiz nenhuma casa, mas reconstruí e “não de uma forma imperfeita neste mundo de aparências”, uma cidade ilustre, que hoje não é mais a Pasárgada de Ciro, e sim a “minha” Pasárgada.

BANDEIRA, M. Itinerário de Pasárgada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984.

Os processos de interação comunicativa preveem a presença ativa de múltiplos elementos da comunicação, entre os quais se destacam as funções da linguagem. Nesse fragmento, a função da linguagem predominante é a:

- a) emotiva, porque o poeta expõe os sentimentos de angústia que o levaram à criação poética.
- b) referencial, porque o texto informa sobre a origem do nome empregado em um famoso poema de bandeira.
- c) metalinguística, porque o poeta tece comentários sobre a gênese e o processo de escrita de um de seus poemas.
- d) poética, porque o texto aborda os elementos estéticos de um dos poemas mais conhecidos de bandeira.
- e) apelativa, porque o poeta tenta convencer os leitores sobre sua dificuldade de compor um poema.



○ 2. (ENEM-2020) O resgate de um barco com 25 imigrantes africanos na costa do Maranhão reacendeu a discussão sobre o quanto o Brasil estaria, cada vez mais, atraindo pessoas de outros países em busca de refúgio ou de melhores condições de vida.

O país recebeu 33 866 pedidos de refúgio de imigrantes no ano de 2017, segundo um relatório recente do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), do Ministério da Justiça.

A definição clássica de refugiado é “o imigrante que sofre de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas”.

No entanto, a Acnur, agência da ONU para refugiados, já tem um entendimento ampliado do que pode configurar um refugiado, incorporando também as características de uma crise humanitária: fome generalizada, ausência de acesso a medicamentos e serviços básicos e perda de renda.

Disponível em: [www.bbc.com](http://www.bbc.com). Acesso em: 22 maio 2018 (adaptado).

Nesse texto, a função metalinguística tem papel fundamental, pois revela que o direito de o imigrante ser tratado como refugiado no Brasil depende do(a):

- a) número de pedidos de refúgio já registrados no relatório do Conare.
- b) compreensão que o Ministério da Justiça tem da palavra “refugiado”.
- c) crise humanitária que se abate sobre os países mais pobres do mundo.
- d) profundidade da crise econômica pela qual passam determinados países.
- e) autorização da Acnur, que gerencia a distribuição de refugiados pelos países.

### ○ 3. (ENEM)

19-11-1959

Eu a conheci da primeira vez em que estive aqui. Parece-me que é esquizofrênica, caso crônico, doente há mais de vinte anos — não estou bem certa. Foi transferida para a Colônia Juliano Moreira e nunca mais a vi. [...]

À tarde, quando ia lá, pedia-lhe para cantar a ária da Bohème, “Valsa da Musetta”. Dona Georgiana, recortada no meio do pátio, cantava — e era de doer o coração. As dementes, descalças e rasgadas, paravam em surpresa, rindo bonito em silêncio, os rostos transformados. Outras, sentadas no chão úmido, avançavam as faces inundadas de presença — elas que eram tão distantes. Os rostos fulgiam por instantes, irisados e indestrutíveis. Me deixava imóvel, as lágrimas cegando-me. Dona Georgiana cantava: cheia de graça, os olhos azuis sorrindo, aquele passado tão presente, ela que fora, ela que era, se elevando na limpidez das notas, minhas lágrimas descendo caladas, o pátio de mulheres existindo em dor e beleza. A beleza terrífica que Puccini não alcançou: uma mulher descalça, suja, gasta, louca, e as notas saindo-lhe em tragicidade difícil e bela demais — para existir fora de um hospício.

CANÇADO, M. L. Hospício é Deus. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

O diário da autora, como interna de hospital psiquiátrico, configura um registro singular, fundamentado por uma percepção que

- a) atenua a realidade do sofrimento por meio da música.
- b) redimensiona a essência humana tocada pela sensibilidade.
- c) evidencia os efeitos dos maus-tratos sobre a imagem feminina.
- d) transfigura o cotidiano da internação pelo poder de se emocionar.
- e) aponta para a recuperação da saúde mental graças à atividade artística.



○ 4. (ENEM)

As atrizes

Naturalmente  
Ela sorria  
Mas não me dava trela  
Trocava a roupa  
Na minha frente  
E ia bailar sem mais aquela  
Escolhia qualquer um  
Lançava olhares  
Debaixo do meu nariz  
Dançava colada  
Em novos pares  
Com um pé atrás  
Com um pé a fim

Surgiram outras  
Naturalmente  
Sem nem olhar a minha cara  
Tomavam banho  
Na minha frente  
Para sair com outro cara  
Porém nunca me importei  
Com tais amantes  
[...]

Com tantos filmes  
Na minha mente  
É natural que toda atriz  
Presentemente represente  
Muito para mim

CHICO BUARQUE. *Carioca*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2006 (fragmento).

Na canção, Chico Buarque trabalha uma determinada função da linguagem para marcar a subjetividade do eu-lírico ante as atrizes que ele admira. A intensidade dessa admiração está marcada em:

- a) "Naturalmente / Ela sorria / Mas não me dava trela"
- b) "Tomavam banho / Na minha frente / Para sair com outro cara."
- c) "Surgiram outras / Naturalmente / Sem nem olhar a minha cara"
- d) "Escolhia qualquer um / Lançava olhares / Debaixo do meu nariz"
- e) "É natural que toda atriz / Presentemente represente / Muito pra mim"



Anotações:

○ 5. (ENEM)

Texto I

Fundamentam-se as regras da Gramática Normativa nas obras dos grandes escritores, em cuja linguagem as classes ilustradas põem o seu ideal de perfeição, porque nela é que se espelha o que o uso idiomático estabilizou e consagrou.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

Texto II

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintática, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.

PESSOA, F. *O livro do desassossego*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

A linguagem cumpre diferentes funções no processo de comunicação. A função que predomina nos textos I e II:

- a) destaca o "como" se elabora a mensagem, considerando-se a seleção, a combinação e a sonoridade do texto.
- b) coloca o foco no "com o quê" se constrói a mensagem, sendo o código utilizado o seu próprio objeto.
- c) focaliza o "quem" produz a mensagem, mostrando seu posicionamento e suas impressões pessoais.
- d) orienta-se no "para quem" se dirige a mensagem, estimulando a mudança de seu comportamento.
- e) enfatiza sobre "o quê" versa a mensagem, apresentada com palavras precisas e objetivas.

○ 6. (ENEM)

Ser pai faz bem para a pressão!

Uma pesquisa feita pela Brigham Young University, nos EUA, indica que a paternidade pode ajudar a manter a pressão arterial baixa. Os dados foram medidos em 198 adultos, monitorados por aparelhos anexados ao braço, em intervalos aleatórios, durante 24 horas. Comparada às do grupo de adultos sem filhos, a média dos pais foi inferior em 4,5 pontos para a pressão arterial diastólica. Julianne Holt-Lunstad, autora do estudo, diz que outros fatores (como atividades físicas) também colaboram para reduzir esses níveis e que o objetivo da pesquisa é comprovar como fatores sociais colaboram para a saúde do corpo. "Isso não significa que quanto mais crianças você tiver, melhor será sua pressão sanguínea. Os resultados estão conectados a essa relação de parentesco, mas sem considerar o número de sucessores ou situação profissional", pondera Julianne.

ALVES, I. *Vivasaúde*, n. 83, s.d.

O texto apresenta resultados de uma pesquisa científica, objetivando:

- a) informar o leitor leigo a respeito dos resultados obtidos, com base em dados monitorados.
- b) sensibilizar o leitor acadêmico a respeito da paternidade, com apoio nos comentários da pesquisadora.
- c) persuadir o leitor especializado a se beneficiar do exercício da paternidade, com base nos dados comparados.



d) dar ciência ao leitor especializado da validade da investigação, com base na reputação da instituição promotora.

e) instruir o leitor leigo a respeito da validade relativa da investigação, com base nas declarações da pesquisadora.

○ 7. (ENEM)

**Pedra sobre pedra**

Algumas fazendas gaúchas ainda preservam as taipas, muros de pedra para cercar o gado. Um tipo de cerca primitiva. Não há nada que prenda uma pedra na outra, cuidadosamente empilhadas com altura de até um metro. Engenharia simples que já dura 300 anos. A mesma técnica usada no mangueirão, uma espécie de curral onde os animais ficavam confinados à noite. As taipas são atribuídas aos jesuítas. O objetivo era domar o gado xucro solto nos campos pelos colonizadores espanhóis.

FERRI, M, Revista Terra da Gente, n. 96, abr. 2012.

Um texto pode combinar diferentes funções de linguagem. Exemplo disso é *Pedra sobre pedra*, que se vale da função referencial e da meta linguística. A metalinguagem é estabelecida:

- a) por tempos verbais articulados no presente e no pretérito.
- b) pelas frases simples e referência ao ditado “não ficará pedra sobre pedra”.
- c) pela linguagem impessoal e objetiva, marcada pela terceira pessoa.
- d) pela definição de termos como “taipa” e “mangueirão”.
- e) por adjetivos como “primitivas” e “simples”, indicando o ponto de vista do autor.

○ 8. (ENEM)

Amor é fogo que arde sem se ver;  
é ferida que dói e não se sente;  
é um contentamento descontente;  
é dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;  
é solitário andar por entre a gente;  
é nunca contentar-se de contente;  
é cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;  
é servir a quem vence, o vencedor;  
é ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
nos corações humanos amizade,  
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Luís de Camões.

O poema tem, como característica, a figura de linguagem denominada antítese, relação de oposição de palavras ou ideias. Assinale a opção em que essa oposição se faz claramente presente.

- a) “Amor é fogo que arde sem se ver.”
- b) “É um contentamento descontente.”
- c) “É servir a quem vence, o vencedor.”
- d) “Mas como causar pode seu favor.”
- e) “Se tão contrário a si é o mesmo Amor?”

○ 9. (ENEM)

**Aquele bêbado**

– Juro nunca mais beber – e fez o sinal da cruz com os indicadores. Acrescentou: – Álcool.

O mais ele achou que podia beber. Bebia paisagens, músicas de Tom Jobim, versos de Mário Quintana. Tomou um pileque de Segall. Nos fins de semana, embebedava-se de Índia Reclinada, de Celso Antônio.

– Curou-se 100% do vício – comentavam os amigos.

Só ele sabia que andava mais bêbado que um gambá. Morreu de etilismo abstrato, no meio de uma carraspana de pôr do sol no Leblon, e seu féfetro ostentava inúmeras coroas de ex-alcoólatras anônimos.

ANDRADE, C. D. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

A *causa mortis* do personagem, expressa no último parágrafo, adquire um efeito irônico no texto porque, ao longo da narrativa, ocorre uma:

- a) metaforização do sentido literal do verbo “beber”.
- b) aproximação exagerada da estética abstracionista.
- c) apresentação gradativa da coloquialidade da linguagem.
- d) exploração hiperbólica da expressão “inúmeras coroas”.
- e) citação aleatória de nomes de diferentes artistas.

○ 10. (ENEM) Oxímoro (ou paradoxo) é uma construção textual que agrupa significados que se excluem mutuamente. Para Garfield, a frase de saudação de Jon (tirinha abaixo) expressa o maior de todos os oxímoros.

**GARFIELD** - Jim Davis



Folha de S. Paulo, 31 de julho de 2000.

Nas alternativas abaixo, estão transcritos versos retirados do poema “O operário em construção”. Pode-se afirmar que ocorre um oxímoro em:

- a) “Era ele que erguia casas  
Onde antes só havia chão.”
- b) “... a casa que ele fazia  
Sendo a sua liberdade  
Era a sua escravidão.”
- c) “Naquela casa vazia  
Que ele mesmo levantara  
Um mundo novo nascia  
De que sequer suspeitava.”
- d) “... o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário.”
- e) “Ele, um humilde operário  
Um operário que sabia  
Exercer a profissão.”



○ 11. (ENEM) O trecho a seguir é parte do poema “Mocidade e morte”, do poeta romântico Castro Alves:

Oh! eu quero viver, beber perfumes  
Na flor silvestre, que embalsama os ares;  
Ver minh'alma adejar pelo infinito,  
Qual branca vela n'amplidão dos mares.  
No seio da mulher há tanto aroma...  
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...  
– Árabe errante, vou dormir à tarde  
À sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria:  
Terás o sono sob a lájea fria.

ALVES, Castro. *Os melhores poemas de Castro Alves*. Seleção de Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983.

Esse poema, como o próprio título sugere, aborda o inconformismo do poeta com a antevisão da morte prematura, ainda na juventude.

A imagem da morte aparece na palavra:

- a) embalsama.
- b) infinito.
- c) amplidão.
- d) dormir.
- e) sono.

○ 12. (ENEM 2022)

#### Assentamento

Zanza daqui  
Zanza pra acolá  
Fim de feira, periferia afora  
A cidade não mora mais em mim  
Francisco, Serafim  
Vamos embora

Ver o capim  
Ver o baobá  
Vamos ver a campina quando flora  
A piracema, rios contravim  
Binho, Bel, Bia, Quim  
Vamos embora

Quando eu morrer  
Cansado de guerra  
Morro de bem  
Com a minha terra:  
Cana, caqui  
Inhame, abóbora  
Onde só vento se semeava outrora  
Amplidão, nação, sertão sem fim  
Ó Manuel, Miguilim  
Vamos embora

BUARQUE, C. *As cidades*. Rio de Janeiro: RCA, 1998 (fragmento).

Nesse texto, predomina a função poética da linguagem. Entretanto, a função emotiva pode ser identificada no verso:

- a) “Zanza pra acolá”.
- b) “Fim de feira, periferia afora”.
- c) “A cidade não mora mais em mim”.
- d) “Onde só vento se semeava outrora”.
- e) “Ó Manuel, Miguilim”.

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões 13 e 14.

#### Canção do vento e da minha vida

O vento varria as folhas,  
O vento varria os frutos,  
O vento varria as flores...  
E a minha vida ficava  
Cada vez mais cheia  
De frutos, de flores, de folhas.  
[...]

O vento varria os sonhos  
E varria as amizades...  
O vento varria as mulheres...  
E a minha vida ficava  
Cada vez mais cheia  
De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses  
E varria os teus sorrisos...  
O vento varria tudo!  
E a minha vida ficava  
Cada vez mais cheia  
De tudo.

BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

○ 13. (ENEM) Predomina no texto a função da linguagem:

- a) fática, porque o autor procura testar o canal de comunicação.
- b) metalinguística, porque há explicação do significado das expressões.
- c) conativa, uma vez que o leitor é provocado a participar de uma ação.
- d) referencial, já que são apresentadas informações sobre acontecimentos e fatos reais.
- e) poética, pois chama-se a atenção para a elaboração especial e artística da estrutura do texto.

○ 14. (ENEM) Na estruturação do texto, destaca-se:

- a) a construção de oposições semânticas.
- b) a apresentação de ideias de forma objetiva.
- c) o emprego recorrente de figuras de linguagem, como o eufemismo.
- d) a repetição de sons e de construções sintáticas semelhantes.
- e) a inversão da ordem sintática das palavras.

○ 15. (ENEM)

#### Lusofonia

*rapariga*: s.f., fem. de rapaz: mulher nova; moça; menina; (Brasil), meretriz.

Escrevo um poema sobre a rapariga que está sentada no café, em frente da chávena de café, enquanto alisa os cabelos com a mão. Mas não posso escrever este poema sobre essa rapariga porque, no Brasil, a palavra rapariga não quer dizer o que ela diz em português. Então, terei de escrever a mulher nova do café, a jovem do café, a menina do café, para que a reputação da pobre rapariga que alisa os cabelos com a mão, num café de Lisboa, não fique estragada para sempre quando este poema atravessar o Atlântico para desembarcar no Rio de Janeiro. E isto tudo sem pensar em África, porque aí lá terei de escrever sobre a moça do café, para evitar o tom demasiado continental da rapariga, que é uma palavra que já me está a pôr com dores



de cabeça até porque, no fundo, a única coisa que eu queria era escrever um poema sobre a rapariga do café. A solução, então, é mudar de café, e limitar-me a escrever um poema sobre aquele café onde nenhuma rapariga se pode sentar à mesa porque só servem café ao balcão.

JÚDICE, N. *Matéria do Poema*, Lisboa: D. Quixote, 2008.

O texto traz em relevo as funções metalinguística e poética. Seu caráter metalinguístico justifica-se pela:

- a) discussão da dificuldade de se fazer arte inovadora no mundo contemporâneo.
- b) defesa do movimento artístico da pós-modernidade, típico do século XX.
- c) abordagem de temas do cotidiano, em que a arte se volta para assuntos rotineiros.
- d) tematização do fazer artístico, pela discussão do ato de construção da própria obra.
- e) valorização do efeito de estranhamento causado no público, o que faz a obra ser reconhecida.

○ 16. (ENEM)

**É água que não acaba mais**

Dados preliminares divulgados por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) apontaram o Aquífero Alter do Chão como o maior depósito de água potável do planeta. Com volume estimado em 86.000 quilômetros cúbicos de água doce, a reserva subterrânea está localizada sob os estados do Amazonas, Pará e Amapá. “Essa quantidade de água seria suficiente para abastecer a população mundial durante 500 anos”, diz Milton Matta, geólogo da UFPA. Em termos comparativos, Alter do Chão tem quase o dobro do volume de água do Aquífero Guarani (com 45.000 quilômetros cúbicos). Até então, Guarani era a maior reserva subterrânea do mundo, distribuída por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Época. N.º 623, 26 abr. 2010.

Essa notícia, publicada em uma revista de grande circulação, apresenta resultados de uma pesquisa científica realizada por uma universidade brasileira.

Nessa situação específica de comunicação, a função referencial da linguagem predomina, porque o autor do texto prioriza:

- a) as suas opiniões, baseadas em fatos.
- b) os aspectos objetivos e precisos.
- c) os elementos de persuasão do leitor.
- d) os elementos estéticos na construção do texto.
- e) os aspectos subjetivos da mencionada pesquisa.

○ 17. (ENEM)

**Pequeno concerto que virou canção**

Não, não há por que mentir ou esconder  
A dor que foi maior do que é capaz meu coração  
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar  
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar  
Ah, eu vou voltar pra mim  
Seguir sozinho assim  
Até me consumir ou consumir toda essa dor  
Até sentir de novo o coração capaz de amor

VANDRÉ, G. Disponível em: [www.letras.terra.com.br](http://www.letras.terra.com.br). Acesso em: 29 jun. 2011.

Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

- a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos.
- b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção.
- c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento.
- d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção.
- e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

○ 18. (ENEM)

**Texto I**

Onde está a honestidade?  
Você tem palacete reluzente  
Tem joias e criados à vontade  
Sem ter nenhuma herança ou parente  
Só anda de automóvel na cidade...

E o povo pergunta com maldade:  
Onde está a honestidade?  
Onde está a honestidade?

O seu dinheiro nasce de repente  
E embora não se saiba se é verdade  
Você acha nas ruas diariamente  
Anéis, dinheiro e felicidade...

Vassoura dos salões da sociedade  
Que varre o que encontrar em sua frente  
Promove festivais de caridade  
Em nome de qualquer defunto ausente...

ROSA, N. Disponível em: [www.mpbnet.com.br](http://www.mpbnet.com.br). Acesso em: abr. 2010.

**Texto II**

Um vulto da história da música popular brasileira, reconhecido nacionalmente, é Noel Rosa. Ele nasceu em 1910, no Rio de Janeiro; portanto, se estivesse vivo, estaria completando 100 anos. Mas faleceu aos 26 anos de idade, vítima de tuberculose, deixando um acervo de grande valor para o patrimônio cultural brasileiro. Muitas de suas letras representam a sociedade contemporânea, como se tivessem sido escritas no século XXI.

Disponível em: [www.mpbnet.com.br](http://www.mpbnet.com.br). Acesso em: abr. 2010.

Um texto pertencente ao patrimônio literário-cultural brasileiro é atualizável, na medida em que ele se refere a valores e situações de um povo. A atualidade da canção *Onde está a honestidade?*, de Noel Rosa, evidencia-se por meio:

- a) da ironia, ao se referir ao enriquecimento de origem duvidosa de alguns.
- b) da crítica aos ricos que possuem joias, mas não têm herança.
- c) da maldade do povo a perguntar sobre a honestidade.
- d) do privilégio de alguns em clamar pela honestidade.
- e) da insistência em promover eventos beneficentes.

Anotações:



○ 19. (ENEM)

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito.

O senhor é nosso cliente?

Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente – Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você ainda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna*. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado).

Na representação escrita da conversa telefônica entre a gerente do banco e o cliente, observa-se que a maneira de falar da gerente foi alterada de repente devido:

- a) à adequação de sua fala à conversa com um amigo, caracterizada pela informalidade.
- b) à iniciativa do cliente em se apresentar como funcionário do banco.
- c) ao fato de ambos terem nascido em Uberlândia (Minas Gerais).
- d) à intimidade forçada pelo cliente ao fornecer seu nome completo.
- e) ao seu interesse profissional em financiar o veículo de Júlio.

○ 20. (ENEM 2020)

**PALAVRA** – As gramáticas classificam as palavras em substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, conjunção, pronome, numeral, artigo e preposição. Os poetas classificam as palavras pela alma porque gostam de brincar com elas, e para brincar com elas é preciso ter intimidade primeiro. É a alma da palavra que define, explica, ofende ou elogia, se coloca entre o significante e o significado para dizer o que quer, dar sentimento às coisas, fazer sentido. A palavra nuvem chove. A palavra triste chora. A palavra sono dorme. A palavra tempo passa. A palavra fogo queima. A palavra faca corta. A palavra carro corre. A palavra “palavra” diz. O que quer. E nunca desdiz depois. As palavras têm corpo e alma, mas são diferentes das pessoas em vários pontos. As palavras dizem o que querem, está dito, e pronto.

FALCÃO, A. *Pequeno dicionário de palavras ao vento*. São Paulo: Salamandra, 2013 (adaptado).

Esse texto, que simula um verbete para a palavra “palavra”, constitui-se como um poema porque:

- a) tematiza o fazer poético, como em “Os poetas classificam as palavras pela alma”.
- b) utiliza o recurso expressivo da metáfora, como em “As palavras têm corpo e alma”.
- c) valoriza a gramática da língua, como em “substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, conjunção”.
- d) estabelece comparações, como em “As palavras têm corpo e alma, mas são diferentes das pessoas”.
- e) apresenta informações pertinentes acerca do conceito de “palavra”, como em “As gramáticas classificam as palavras”.

○ 21. (ENEM)

Deficientes visuais já podem ir a algumas salas de cinema e teatros para curtir, em maior intensidade, as atrações em cartaz. Quem ajuda na tarefa é o aplicativo Whatscine, recém-chegado ao Brasil e disponível para os sistemas operacionais iOS (Apple) ou Android (Google). Ao ser conectado à rede *wi-fi* de cinemas e teatros, o app sincroniza um áudio que descreve o que ocorre na tela ou no palco com o espetáculo em andamento: o usuário, então, pode ouvir a narração em seu celular.

O programa foi desenvolvido por pesquisadores da Universidade Carlos III, em Madri. “Na Espanha, 200 salas de cinema já oferecem o recurso e filmes de grandes estúdios já são exibidos com o recurso do Whatscine!”, diz o brasileiro Luis Mauch, que trouxe a tecnologia para o país. “No Brasil, já fechamos parceria com a São Paulo Companhia de Dança para adaptar os espetáculos deles! Isso já é um avanço. Concorda?”

Disponível em: <http://veja.abril.com.br>. Acesso em: 25jun. 2014 (adaptado).

Por ser múltipla e apresentar peculiaridades de acordo com a intenção do emissor, a linguagem apresenta funções diferentes. Nesse fragmento, predomina a função referencial da linguagem, porque há a presença de elementos que:

- a) buscam convencer o leitor, incitando o uso do aplicativo.
- b) definem o aplicativo, revelando o ponto de vista da autora.
- c) evidenciam a subjetividade, explorando a entonação emotiva.
- d) expõem dados sobre o aplicativo, usando linguagem denotativa.
- e) objetivam manter um diálogo com o leitor, recorrendo a uma indagação.

○ 22. (ENEM)



No trânsito, é preciso ter sempre em mente o perigo que você pode causar aos outros e a si mesmo. Motoristas devem sempre estar alertas à presença de veículos menores. Por isso, tenha atenção com os ciclistas. Dirija com consciência.

Disponível em: [www.pedal.com.br](http://www.pedal.com.br). Acesso em: 3 jul. 2014 (adaptado).

No texto, o uso da linguagem verbal e não verbal atende à finalidade de:

- a) chamar a atenção para o respeito aos sinais de trânsito.
- b) informar os motoristas sobre a segurança dos usuários de ciclovias.
- c) alertar sobre os perigos presentes nas vias urbanas brasileiras.
- d) divulgar a distância permitida entre carros e veículos menores.
- e) propor mudanças de postura por parte de motoristas no trânsito.



### ○ 23. (ENEM)

“Escrever não é uma questão apenas de satisfação pessoal”, disse o filósofo e educador pernambucano Paulo Freire, na abertura de suas *Cartas a Cristina*, revelando a importância do hábito ritualizado da escrita para o desenvolvimento de suas ideias, para a concretização de sua missão e disseminação de seus pontos de vista. Freire destaca especial importância à escrita pelo desejo de “convencer outras pessoas”, de transmitir seus pensamentos e de engajar aqueles que o leem na realização de seus sonhos.

KNAPP, L. Linha fina. *Comunicação Empresarial*, n. 88, out. 2013.

Segundo o fragmento, para Paulo Freire, os textos devem exercer, em alguma medida, a função conativa, porque a atividade de escrita, notadamente, possibilita:

- a) levar o leitor a realizar ações.
- b) expressar sentimentos do autor.
- c) despertar a atenção do leitor.
- d) falar da própria linguagem.
- e) repassar informações.

○ 24. (ENEM) Um conto de palavras que valessem mais por sua modulação que por seu significado. Um conto abstrato e concreto como uma composição tocada por um grupo instrumental; límpido e obscuro, espiral azul num campo de narcisos defronte a uma torre a descortinar um lago assombrado em que o atirar uma pedra espraia a água em lentos círculos sob os quais nada um peixe turvo que é visto por ninguém e no entanto existe como algas do oceano. Um conto-rastro de uma lesma também evento do universo qual a luz de um quasar a bilhões de anos-luz; um conto em que os vocábulos são como notas indeterminadas numa pauta; que é como bater suave e espaçado de um sino propagando-se nos corredores de um mosteiro [...]. Um conto noturno com a fulguração de um sonho que, quanto mais se quer, mais se perde; é preciso resistir à tentação das propoxítonas e do sentido, a vida é uma peça pregada cujo maior mistério é o nada.

SANT'ANNA, S. *Um conto abstrato*. In: *O voo da madrugada*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

Utilizando o recurso da metalinguagem, o narrador busca definir o gênero conto pelo procedimento estético que estabelece uma:

- a) confluência de cores, destacando a importância do espaço.
- b) composição de sons, valorizando a construção musical do texto.
- c) percepção de sombras, endossando o caráter obscuro da escrita.
- d) cadeia de imagens, enfatizando a ideia de sobreposição de sentidos.
- e) hierarquia de palavras, fortalecendo o valor unívoco dos significados.

Anotações:

### ○ 25. (ENEM-2020)

As cartas de amor  
deveriam ser fechadas  
com a língua.  
Beijadas antes de enviadas.  
Sopradadas. Respiradas.  
O esforço do pulmão  
capturado pelo envelope,  
a letra tremendo  
como uma pálpebra.  
Não a cola isenta, neutra,  
mas a espuma, a gentileza,  
a gripe, o contágio.  
Porque a saliva  
acalma um machucado.  
As cartas de amor  
deveriam ser abertas  
com os dentes.

CARPINEJAR, F. *Como no céu*. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2005.

No texto predomina a função poética da linguagem, pois ele registra uma visão imaginária e singularizada de mundo, construída por meio do trabalho estético da linguagem. A função conativa também contribui para esse trabalho na medida em que o enunciador procura:

- a) influenciar o leitor em relação aos sentimentos provocados por uma carta de amor, por meio de opiniões pessoais.
- b) definir com objetividade o sentimento amoroso e a importância das cartas de amor.
- c) alertar para consequências perigosas advindas de mensagens amorosas.
- d) esclarecer como devem ser escritas as mensagens sentimentais nas cartas de amor.
- e) produzir uma visão ficcional do sentimento amoroso presente em cartas de amor.

### ○ 26. (ENEM-2021)

#### Estojos escolares

Rio de Janeiro — Noite dessas, ciscando num desses canais a cabo, vi uns caras oferecendo maravilhas eletrônicas, bastava telefonar e eu receberia um notebook capaz de me ajudar a fabricar um navio, uma estação espacial.

[...] Como pretendo viajar esses dias, habilitei-me a comprar aquilo que os caras anunciavam como o top do top em matéria de computador portátil.

No sábado, recebi um embrulho complicado que necessitava de um manual de instruções para ser aberto.

[...] De repente, como vem acontecendo nos últimos tempos, houve um corte na memória e vi diante de mim o meu primeiro estojos escolares. Tinha 5 anos e ia para o jardim de infância.

Era uma caixinha comprida, envernizada, com uma tampa que corria nas bordas do corpo principal. Dentro, arrumados em divisões, havia lápis coloridos, um apontador, uma lapiseira cromada, uma régua de 20 cm e uma borracha para apagar meus erros.

[...] Da caixinha vinha um cheiro gostoso, cheiro que nunca esqueci e que me tonteava de prazer. [...]

O notebook que agora abro é negro e, em matéria de cheiro, é abominável. Cheira vilmente a telefone celular, a cabine de avião, a aparelho de ultrassonografia onde outro dia uma moça veio ver como sou por dentro. Acho que piorei de estojos e de vida.

CONY, C. H. *Crônicas para ler na escola*. São Paulo: Objetiva, 2009 (adaptado).



No texto, há marcas da função da linguagem que nele predomina. Essas marcas são responsáveis por colocar em foco o(a):

- a) mensagem, elevando-a à categoria de objeto estético do mundo das artes.
- b) código, transformando a linguagem utilizada no texto na própria temática abordada.
- c) contexto, fazendo das informações presentes no texto seu aspecto essencial.
- d) enunciador, buscando expressar sua atitude em relação ao conteúdo do enunciado.
- e) interlocutor, considerando-o responsável pelo direcionamento dado à narrativa pelo enunciador.

○ 27. (ENEM) Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo uma outra não prevista.

(LAJÓLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993)

Nesse texto, a autora apresenta reflexões sobre o processo de produção de sentidos, valendo-se da metalinguagem. Essa função da linguagem torna-se evidente pelo fato de o texto:

- a) ressaltar a importância da intertextualidade.
- b) propor leituras diferentes das previsíveis.
- c) apresentar o ponto de vista da autora.
- d) discorrer sobre o ato da leitura.
- e) focar a participação do leitor.

○ 28. (ENEM) Leia o que disse João Cabral de Melo Neto, poeta pernambucano, sobre a função de seus textos:

“**Falo somente com o que falo:** a linguagem enxuta, contato denso; **falo somente do que falo:** a vida seca, áspera e clara do sertão; **falo somente por quem falo:** o homem sertanejo sobrevivendo na adversidade e na míngua. **Falo somente para quem falo:** para os que precisam ser alertados para a situação da miséria no Nordeste.”

Para João Cabral de Melo Neto, no texto literário:

- a) a linguagem do texto deve refletir o tema, e a fala do autor deve denunciar o fato social para determinados leitores.
- b) a linguagem do texto não deve ter relação com o tema, e o autor deve ser imparcial para que seu texto seja lido.
- c) o escritor deve saber separar a linguagem do tema e a perspectiva pessoal da perspectiva do leitor.
- d) a linguagem pode ser separada do tema, e o escritor deve ser o delator do fato social para todos os leitores.
- e) a linguagem está além do tema, e o fato social deve ser a proposta do escritor para convencer o leitor.

○ 29. (ENEM)

### Desabafo

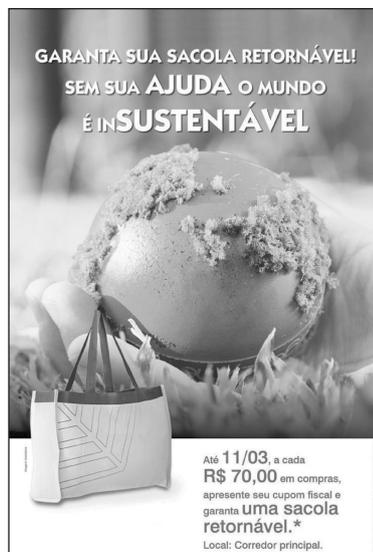
Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado.

CARNEIRO, J. E. *Veja*, 11 set. 2002 (fragmento).

Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com o predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função da linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:

- a) o discurso do enunciador tem como foco o próprio código.
- b) a atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito.
- c) o interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem.
- d) o referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais.
- e) o enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

○ 30. (ENEM)



Disponível em: [www.portaldapropaganda.com.br](http://www.portaldapropaganda.com.br). Acesso em: 1 mar. 2012.

A publicidade, de uma forma geral, alia elementos verbais e imagéticos na constituição de seus textos. Nessa peça publicitária, cujo tema é a sustentabilidade, o autor procura convencer o leitor a:

- a) assumir uma atitude reflexiva diante dos fenômenos naturais.
- b) evitar o consumo excessivo de produtos reutilizáveis.
- c) aderir à onda sustentável, evitando o consumo excessivo.
- d) abraçar a campanha, desenvolvendo projetos sustentáveis.
- e) consumir produtos de modo responsável e ecológico.



○ 31. (ENEM) O Instituto de Arte de Chicago disponibilizou para visualização on-line, compartilhamento ou download (sob licença Creative Commons), 44 mil imagens de obras de arte em altíssima resolução, além de livros, estudos e pesquisas sobre a história da arte.

Para o historiador da arte, Bendor Grosvenor, o sucesso das coleções on-line de acesso aberto, além de democratizar a arte, vem ajudando a formar um novo público museológico. Grosvenor acredita que quanto mais pessoas forem expostas à arte on-line, mais visitas pessoais acontecerão aos museus.

A coleção está disponível em seis categorias: paisagens urbanas, impressionismo, essenciais, arte africana, moda e animais. Também é possível pesquisar pelo nome da obra, estilo, autor ou período. Para navegar pela imagem em alta definição, basta clicar sobre ela e utilizar a ferramenta de zoom. Para fazer o download, disponível para obras de domínio público, é preciso utilizar a seta localizada do lado inferior direito da imagem.

Disponível em: [www.revistabula.com](http://www.revistabula.com). Acesso em: 5 dez. 2018 (adaptado).

A função da linguagem que predomina nesse texto se caracteriza por:

- a) evidenciar a subjetividade da reportagem com base na fala do historiador de arte.
- b) convencer o leitor a fazer o acesso on-line, levando-o a conhecer as obras de arte.
- c) informar sobre o acesso às imagens por meio da descrição do modo como acessá-las.
- d) estabelecer interlocução com o leitor, orientando-o a fazer o download das obras de arte.
- e) enaltecer a arte, buscando popularizá-la por meio da possibilidade de visualização on-line.

○ 32. (ENEM) Aconteceu mais de uma vez: ele me abandonou. Como todos os outros. O quinto. A gente já estava junto há mais de um ano. Parecia que dessa vez seria para sempre. Mas não: ele desapareceu de repente, sem deixar rastro. Quando me dei conta, fiquei horas ligando sem parar – mas só chamava, chamava, e ninguém atendia. E então fiz o que precisava ser feito: bloqueei a linha.

A verdade é que nenhum telefone celular me suporta. Já tentei de todas as marcas e operadoras, apenas para descobrir que eles são todos iguais: na primeira oportunidade, dão no pé. Esse último aproveitou que eu estava distraído e não desceu do táxi junto comigo. Ou será que ele já tinha pulado do meu bolso no momento em que eu embarcava no táxi? Tomara que sim. Depois de fazer o que me fez, quero mais é que ele tenha ido parar na sarjeta. [...] Se ainda fossem embora do jeito que chegaram, tudo bem. [...] Mas já sei o que vou fazer. No caminho da loja de celulares, vou passar numa papelaria. Pensando bem, nenhuma das minhas agendinhas de papel jamais me abandonou.

FREIRE, R. *Começar de novo*. O Estado de S. Paulo, 24 nov. 2006

Nesse fragmento, a fim de atrair a atenção do leitor e de estabelecer um fio condutor de sentido, o autor utiliza-se de:

- a) primeira pessoa do singular para imprimir subjetividade ao relato de mais uma desilusão amorosa.
- b) ironia para tratar da relação com os celulares na era de produtos altamente descartáveis.
- c) frases feitas na apresentação de situações amorosas estereotipadas para construir a ambientação do texto.
- d) quebra de expectativa como estratégia argumentativa para ocultar informações.
- e) verbos no tempo pretérito para enfatizar uma aproximação com os fatos abordados ao longo do texto.

○ 33. (ENEM)

### A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo

**Resumo:** Este artigo tem por finalidade discutir a representação da população negra, especialmente da mulher negra, em imagens de produtos de beleza presentes em comércios do nordeste goiano. Evidencia-se que a presença de estereótipos negativos nessas imagens dissemina um imaginário racista apresentado sob a forma de uma estética racista que camufla a exclusão e normaliza a inferiorização sofrida pelos(as) negros(as) na sociedade brasileira. A análise do material imagético aponta a desvalorização estética do negro, especialmente da mulher negra, e a idealização da beleza e do branqueamento a serem alcançados por meio do uso dos produtos apresentados. O discurso midiático-publicitário dos produtos de beleza rememora e legitima a prática de uma ética racista construída e atuante no cotidiano. Frente a essa discussão, sugere-se que o trabalho antirracismo, feito nos diversos espaços sociais, considere o uso de estratégias para uma “descolonização estética” que empodere os sujeitos negros por meio de sua valorização estética e protagonismo na construção de uma ética da diversidade.

Palavras-chave: Estética, racismo, mídia, educação, diversidade.

SANTANA, J. A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo. Dossiê: trabalho e educação básica. *Margens Interdisciplinar*. Versão digital. Abaetetuba, n.16, jun. 2017 (adaptado).

O cumprimento da função referencial da linguagem é uma marca característica do gênero resumo de artigo acadêmico. Na estrutura desse texto, essa função é estabelecida pela:

- a) impessoalidade, na organização da objetividade das informações, como em “Este artigo tem por finalidade” e “Evidencia-se”.
- b) seleção lexical, no desenvolvimento sequencial do texto, como em “imaginário racista” e “estética do negro”.
- c) metaforização, relativa à construção dos sentidos figurados, como nas expressões “descolonização estética” e “discurso midiático-publicitário”.
- d) nominalização, produzida por meio de processos derivacionais na formação de palavras, como “inferiorização” e “desvalorização”.
- e) adjetivação, organizada para criar uma terminologia antirracista, como em “ética da diversidade” e “descolonização estética”.

Anotações:



○ 34. (ENEM)

Ai, palavras, ai, palavras  
que estranha potência a vossa!

Todo o sentido da vida  
principia a vossa porta:  
o mel do amor cristaliza  
seu perfume em vossa rosa;  
sois o sonho e sois a audácia,  
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,  
ai! Com letras se elabora...  
E dos venenos humanos  
sois a mais fina retorta:  
frágil, frágil, como o vidro  
e mais que o aço poderosa!  
Reis, impérios, povos, tempos,  
pelo vosso impulso rodam...

MEIRELES, C. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985 (fragmento).

O fragmento destacado foi transcrito do *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. Centralizada no episódio histórico da Inconfidência Mineira, a obra, no entanto, elabora uma reflexão mais ampla sobre a seguinte relação entre o homem e a linguagem:

- a) a força e a resistência humanas superam os danos provocados pelo poder corrosivo das palavras.
- b) as relações humanas, em suas múltiplas esferas, têm seu equilíbrio vinculado ao significado das palavras.
- c) o significado dos nomes não expressa de forma justa e completa a grandeza da luta do homem pela vida.
- d) renovando o significado das palavras, o tempo permite às gerações perpetuar seus valores e suas crenças.
- e) como produto da criatividade humana, a linguagem tem seu alcance limitado pelas intenções e gestos.

○ 35. (ENEM-2020)

## aniversário (s.m.)

é o dia que recebo o maior número de ligações no meu celular. é sinônimo de doce. é festejar o próprio ser. é receber os abraços mais gostosos. é um bolo de chocolate vegano (*obrigado, mãe*). é quando eu esqueço o que não importa. é o dia em que eu me dou folga das folgas que a vida não me dá. é quando seus amigos se juntam para comprar a nova coleção de livros do Harry Potter pra você (*valeu, galera!*) é a felicidade fazendo visita.

é um balão imaginário que tem gosto de amor e cheirinho de infância.

DOEDERLEIN, J. *O livro dos ressignificados*. São Paulo: Parábola, 2017.

Nessa simulação de verbete de dicionário, não há a predominância da função metalinguística da linguagem, como seria de se esperar. Identificam-se elementos que subvertem o gênero por meio da incorporação marcante de características da função:

- a) conativa, como em "(valeu, galera)!".
- b) referencial, como em "é festejar o próprio ser."
- c) poética, como em "é a felicidade fazendo visita."
- d) emotiva, como em "é quando eu esqueço o que não importa."
- e) fática, como em "é o dia que recebo o maior número de ligações no meu celular."

○ 36. (ENEM-2021)

### O pavão vermelho

Ora, a alegria, este pavão vermelho,  
está morando em meu quintal agora.  
Vem pousar como um sol em meu joelho  
quando é estridente em meu quintal a aurora.  
Clarim de lacre, este pavão vermelho  
sobrepuxa os pavões que estão lá fora.  
É uma festa de púrpura. E o assemelho  
a uma chama do lábaro da aurora.  
É o próprio doge a se mirar no espelho.  
E a cor vermelha chega a ser sonora  
neste pavão pomposo e de chavelho.  
Pavões lilases possui outrora.  
Depois que amei este pavão vermelho,  
os meus outros pavões foram-se embora.

Costa, S. *Poesia completa*: Sosígenes Costa. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 2001.

Na construção do soneto, as cores representam um recurso poético que configura uma imagem com a qual o eu lírico:

- a) revela a intenção de isolar-se em seu espaço.
- b) simboliza a beleza e o esplendor da natureza.
- c) experimenta a fusão de percepções sensoriais.
- d) metaforiza a conquista de sua plena realização.
- e) expressa uma visão de mundo mística e espiritualizada.

Anotações:



○ 37. (UFRGS) Leia este trecho do texto *Censura-violência* (1979), de Antonio Candido (1918-2017).

Violência física e violência mental são na verdade violência social, como fica mais evidente neste fim de século especialmente bruto. Ela é fruto da desigualdade econômica, que requer força para se manter, porque sem força a igualdade se imporia como solução melhor, que na verdade é. Hoje, é espantoso ouvir e ler os pronunciamentos das autoridades de todos os níveis, que falam com veemência crescente que a miséria do povo é intolerável, que a concentração da riqueza deve ser mitigada, que a pobreza é um mal a ser urgentemente superado – não raro com estatísticas demonstrativas. É espantoso, porque até pouco tempo tais afirmações eram consideradas coisa de subversivos; e é espantoso porque isso é dito, mas quem diz faz tudo para que as coisas fiquem como estão, e para que os que querem mudar sejam devidamente enquadrados pela força. Não há dúvida de que a censura funciona como retificação, como dolorosa ortopedia feita para lembrar aos incautos a obrigação de não passar da demagogia à luta real pela democracia. A ideia, a palavra, a imagem podem ser instrumentos perigosos aos olhos dos que desejam apenas escamotear, operando conscientemente no plano da ideologia para abafar a verdade. Censura, portanto, e censura como arma para formar com outras o arsenal de manutenção da desigualdade – econômica, política, social. Por isso, mais em nosso tempo do que em outros, nos quais eram menos variados e atuantes os meios de expressão, devemos estar cada vez mais preparados para lutar contra a violência dentro da qual vivemos em todos os níveis. Inclusive a da censura.

Considere as seguintes afirmações sobre o trecho acima.

- I. O autor defende que a censura é uma forma de violência a serviço da manutenção da desigualdade econômica, política e social.
- II. O autor elogia as iniciativas de governo que têm verdadeiramente contribuído para a extinção da pobreza.
- III. O autor convoca o leitor a combater todas as formas de violência.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

○ 38. (ENEM-2023)

A garganta é a gruta que guarda o som  
A garganta está entre a mente e o coração  
Vem coisa de cima, vem coisa de baixo e de  
[repente um nó (e o que eu quero dizer?)  
Às vezes, acontece um negócio esquisito  
Quando eu quero falar eu grito, quando eu quero  
[gritar eu falo, o resultado  
Calo.

ESTRELA D'ALVA, R. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br>. Acesso em: 23 nov. 2021 (fragmento).

A função emotiva presente no poema cumpre o propósito do eu lírico de:

- a) revelar as decepções amorosas.
- b) refletir sobre a censura à sua voz.
- c) expressar a dificuldade de comunicação.
- d) ressaltar a existência de pressões externas.
- e) manifestar as dores do processo de criação.

○ 39. (ENEM-2023)

Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima. Um dia supuseste “morta e separada” a consorte dos teus sonhos e das tuas agonias, que te soubera “pôr um mundo inteiro no recanto” do teu ninho; e, todavia, nunca ela te esteve mais presente, no íntimo de ti mesmo e na expressão do teu canto, no fundo do teu ser e na face de tuas ações. Esses catorze versos inimitáveis, em que o enlevo dos teus discípulos resume o valor de toda uma literatura, eram a aliança de ouro do teu segundo noivado, um anel de outras núpcias, para a vida nova do teu renascimento e da tua glorificação, com a sócia sem nódoa dos teus anos de mocidade e madureza, da florescência e frutificação de tua alma. Para os eleitos do mundo das ideias a miséria está na decadência, e não na morte. A nobreza de uma nos preserva das ruínas da outra. Quando eles atravessavam essa passagem do invisível, que os conduz à região da verdade sem mescla, então é que entramos a sentir o começo do seu reino, o reino dos mortos sobre os vivos.

BARBOSA, R. O adeus da Academia a Machado de Assis. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

Esse é um trecho do discurso de Rui Barbosa na Academia Brasileira de Letras em homenagem a Machado de Assis por ocasião de sua morte. Uma das características desse discurso de homenagem é a presença de:

- a) metáforas relacionadas à trajetória pessoal e criadora do homenageado.
- b) recursos fonológicos empregados para a valorização do ritmo do texto.
- c) frases curtas e diretas no relato da vida e da morte do homenageado.
- d) contraposição de ideias presentes na obra do homenageado.
- e) seleção vocabular representativa do sentimento de nostalgia.

○ 40. (UFSM)

- 1 É uma índia com um colar  
A tarde linda que não quer se pôr  
Dançam as ilhas sobre o mar  
Sua cartilha tem o a de que cor?
- 5 O que está acontecendo?  
O mundo está ao contrário e ninguém reparou  
O que está acontecendo?  
Eu estava em paz quando você chegou.

Gonçalves Dias? Casimiro de Abreu? Castro Alves? Não! Estes versos são de Nando Reis, ex-Titãs. É possível identificar nesse fragmento:

- I. Uma metáfora nos versos 1 e 2, entre índia / tarde.
- II. As assonâncias, que estão marcadas em /a/, /o/ e /e/.
- III. Comparação no verso 6.
- IV. Rimas cruzadas e versos isométricos.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas III.
- d) apenas II e IV.
- e) apenas IV.



## » Gêneros Literários

### 1. (ENEM-2020)

#### Hino à Bandeira

Em teu seio formoso retratas  
Este céu de puríssimo azul,  
A verdura sem par destas matas,  
E o esplendor do Cruzeiro do Sul.  
Contemplando o teu vulto sagrado,  
Compreendemos o nosso dever,  
E o Brasil por seus filhos amado,  
Poderoso e feliz há de ser!  
Sobre a imensa Nação Brasileira,  
Nos momentos de festa ou de dor,  
Paira sempre sagrada bandeira  
Pavilhão da justiça e do amor!

BILAC, O.; BRAGA, F. Disponível em: [www2.planalto.gov.br](http://www2.planalto.gov.br). Acesso em: 10 dez. 2017 (fragmento).

No *Hino à Bandeira*, a descrição é um recurso utilizado para exaltar o símbolo nacional na medida em que:

- a) remete a um momento futuro.
- b) promove a união dos cidadãos.
- c) valoriza os seus elementos.
- d) emprega termos religiosos.
- e) recorre à sua história.



### 2. (ENEM)

#### Lições de motim

**DONA COTINHA** – É claro! Só gosta de solidão quem nasceu pra ser solitário. Só o solitário gosta de solidão. Quem vive só e não gosta da solidão não é um solitário, é só um desacompanhado. (A reflexão escorrega lá pro fundo da alma.) Solidão é vocação, besta de quem pensa que é sina. Por isso, tem de ser valorizada. E não é qualquer um que pode ser solitário, não. Ah, mas não é mesmo! É preciso ter competência pra isso. (De súbito, pedagógica, volta-se para o homem.) É como poesia, sabe, moço? Tem de ser recitada em voz alta, que é pra gente sentir o gosto. (FAZ UMA PAUSA.) Você gosta de poesia? (O HOMEM TORNA A SE DEBATER. A VELHA INTERROMPE O DISCURSO E VOLTA A LHE DAR AS COSTAS, COMO SEMPRE, IMPASSÍVEL. O HOMEM, MAIS UMA VEZ, CANSADO, DESISTE.) Bem, como eu ia dizendo, pra viver bem com a solidão temos de ser proprietários dela e não inquilinos, me entende? Quem é inquilino da solidão não passa de um abandonado. É isso aí.

ZORZETTI, H. *Lições de motim*. Goiânia: Kelps, 2010 (adaptado).

Nesse trecho, o que caracteriza *Lições de motim* como texto teatral?

- a) O tom melancólico presente na cena.
- b) As perguntas retóricas da personagem.
- c) A interferência do narrador no desfecho da cena.
- d) O uso de rubricas para construir a ação dramática.
- e) As analogias sobre a solidão feitas pela personagem.

3. (ENEM) Gênero dramático é aquele em que o artista usa como intermediária entre si e o público a representação. A palavra vem do grego *drao* (fazer) e quer dizer ação. A peça teatral é, pois, uma composição literária destinada à apresentação por atores em um palco, atuando e dialogando entre si. O texto dramático é complementado pela atuação dos atores no espetáculo teatral e possui uma estrutura específica, caracterizada: 1) pela presença de personagens que devem estar ligados com lógica uns aos outros e à ação; 2) pela ação dramática (trama, enredo), que é o conjunto de atos dramáticos, maneiras de ser e de agir dos personagens encadeados à unidade do efeito e segundo uma ordem composta de exposição, conflito, complicação, clímax e desfecho; 3) pela situação ou ambiente, que é o conjunto de circunstâncias físicas, sociais, espirituais em que se situa a ação; 4) pelo tema, ou seja, a ideia que o autor (dramaturgo) deseja expor, ou sua interpretação real por meio da representação.

COUTINHO, A. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973 (adaptado).

Considerando o texto e analisando os elementos que constituem um espetáculo teatral, conclui-se que:

- a) a criação do espetáculo teatral apresenta-se como um fenômeno de ordem individual, pois não é possível sua concepção de forma coletiva.
- b) o cenário onde se desenrola a ação cênica é concebido e construído pelo cenógrafo de modo autônomo e independente do tema da peça e do trabalho interpretativo dos atores.
- c) o texto cênico pode originar-se dos mais variados gêneros textuais, como contos, lendas, romances, poesias, crônicas, notícias, imagens e fragmentos textuais, entre outros.
- d) o corpo do ator na cena tem pouca importância na comunicação teatral, visto que o mais importante é a expressão verbal, base da comunicação cênica em toda a trajetória do teatro até os dias atuais.
- e) a iluminação e o som de um espetáculo cênico independem do processo de produção/recepção do espetáculo teatral, já que se tratam de linguagens artísticas diferentes, agregadas posteriormente à cena teatral.



○ 4. (ENEM) E aqui, antes de continuar este espetáculo, e necessário que façamos uma advertência a todos e a cada um. Neste momento, achamos fundamental que cada um tome uma posição definida. Sem que cada um tome uma posição definida, não é possível continuarmos. É fundamental que cada um tome uma posição, seja para a esquerda, seja para a direita. Admitimos mesmo que alguns tomem uma posição neutra, fiquem de braços cruzados. Mas é preciso que cada um, uma vez tomada sua posição, fique nela! Porque senão, companheiros, as cadeiras do teatro rangem muito e ninguém ouve nada.

FERNANDES, M.; RANGEL, F. *Liberdade, liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

A peça *Liberdade, liberdade*, encenada em 1964, apresenta o impasse vivido pela sociedade brasileira em face do regime vigente. Esse impasse é representado no fragmento pelo(a):

- a) barulho excessivo produzido pelo ranger das cadeiras do teatro.
- b) indicação da neutralidade como a melhor opção ideológica naquele momento.
- c) constatação da censura em função do engajamento social do texto dramático.
- d) correlação entre o alinhamento político e a posição corporal dos espectadores.
- e) interrupção do espetáculo em virtude do comportamento inadequado do público.

#### ○ 5. (ENEM)

Segundo quadro

*Uma sala da prefeitura. O ambiente é modesto. Durante a mutação, ouve-se um dobrado e vivas a Odorico, "viva o prefeito" etc. Estão em cena Dorotéia, Juju, Dirceu, Dulcinéia, o vigário e Odorico. Este último, à janela, discursa.*

ODORICO – povo sucupirano! Agoramente já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, a ratificação, a autenticação e por que não dizer a sagração do povo que me elegeu.

*Aplausos vêm de fora.*

ODORICO – eu prometi que meu primeiro ato como prefeito seria ordenar a construção do cemitério.

*Aplausos, aos quais se incorporam as personagens em cena.*

ODORICO – (continuando o discurso:) Botando de lado os entretantos e partindo pros finalmente, é uma alegria poder anunciar que prafrentemente vocês já poderão morrer descansados, tranquilos e desconstrangidos, na certeza de que vão ser sepultados aqui mesmo, nesta terra morna e cheirosa de Sucupira. E quem votou em mim, basta dizer isso ao padre na hora da extrema-unção, que tem enterro e cova de graça, conforme o prometido.

GOMES, D. *O bem amado*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2012

O gênero peça teatral tem o entretenimento como uma de suas funções. Outra função relevante do gênero, explícita nesse trecho de *O bem amado*, é:

- a) criticar satiricamente o comportamento de pessoas públicas.
- b) denunciar a escassez de recursos públicos nas prefeituras do interior.
- c) censurar a falta de domínio da língua padrão em eventos sociais.
- d) despertar a preocupação da plateia com a expectativa de vida dos cidadãos.
- e) questionar o apoio irrestrito de agentes públicos aos gestores governamentais.

#### ○ 6. (ENEM)

##### O exercício da crônica

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa como se faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

MORAES, V. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

Predomina nesse texto a função da linguagem que se constitui:

- a) nas diferenças entre o cronista e o ficcionista.
- b) nos elementos que servem de inspiração ao cronista.
- c) nos assuntos que podem ser tratados em uma crônica.
- d) no papel da vida do cronista no processo de escrita da crônica.
- e) nas dificuldades de se escrever uma crônica por meio de uma crônica.

Anotações:



○ 7. (ENEM)

**Texto I**

O meu nome é Severino,  
não tenho outro de pia.  
Como há muitos Severinos,  
que é santo de romaria,  
deram então de me chamar  
Severino de Maria;  
como há muitos Severinos  
com mães chamadas Maria,  
fiquei sendo o da Maria  
do finado Zacarias,  
mas isso ainda diz pouco:  
há muitos na freguesia,  
por causa de um coronel  
que se chamou Zacarias  
e que foi o mais antigo  
senhor desta sesmaria.  
Como então dizer quem fala  
ora a Vossas Senhorias?

MELO NETO, J. C. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994 (fragmento).

**Texto II**

João Cabral, que já emprestara sua voz ao rio, transfere-a, aqui, ao retirante Severino, que, como o Capibaribe, também segue no caminho do Recife. A autoapresentação do personagem, na fala inicial do texto, nos mostra um Severino que, quanto mais se define, menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre partilhados por outros homens.

SECCHIN, A. C. *João Cabral: a poesia do menos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999 (fragmento).

Com base no trecho de *Morte e Vida Severina* (texto I) e na análise crítica (texto II), observa-se que a relação entre o texto poético e o contexto social a que ele faz referência aponta para um problema social expresso literariamente pela pergunta “Como então dizer quem fala / ora a Vossas Senhorias?”. A resposta à pergunta expressa no poema é dada por meio da:

- a) descrição minuciosa dos traços biográficos do personagem-narrador.
- b) construção da figura do retirante nordestino como um homem resignado com a sua situação.
- c) representação, na figura do personagem-narrador, de outros Severinos que compartilham sua condição.
- d) apresentação do personagem-narrador como uma projeção do próprio poeta, em sua crise existencial.
- e) descrição de Severino, que, apesar de humilde, orgulha-se de ser descendente do coronel Zacarias.

○ 8. (ENEM)

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu advinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

– Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos.

LISPECTOR, C. *Os desastres de Sofia*. In: *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1997.

Entre os elementos constitutivos dos gêneros está a sua própria estrutura composicional, que pode apresentar um ou mais tipos textuais, considerando-se o objetivo do autor. Nesse fragmento, a sequência textual que caracteriza o gênero conto é a:

- a) expositiva, em que se apresentam as razões da atitude provocativa da aluna.
- b) injuntiva, em que se busca demonstrar uma ordem dada pelo professor à aluna.
- c) descritiva, em que se constrói a imagem do professor com base nos sentidos da narradora.
- d) argumentativa, em que se defende a opinião da enunciadora sobre o personagem-professor.
- e) narrativa, em que se contam fatos ocorridos com o professor e a aluna em certo tempo e lugar.

Anotações:



○ 9. (ENEM-2022)

**Ser cronista**

Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto.

Crônica é um relato? É uma conversa? É um resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de começar a escrever para o *Jornal do Brasil*, eu só tinha escrito romances e contos.

E também sem perceber, à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco de em breve publicar minha vida passada e presente, o que não pretendo. Outra coisa notei: basta eu saber que estou escrevendo para o jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo o mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, sem mesmo sentir, o modo de escrever se transforme. Não é que me desagrade mudar, pelo contrário. Mas queria que fossem mudanças mais profundas e interiores que não viessem a se refletir no escrever. Mas mudar só porque isso é uma coluna ou uma crônica? Ser mais leve só porque o leitor assim o quer? Divertir? Fazer passar uns minutos de leitura? E outra coisa: nos meus livros quero profundamente a comunicação profunda comigo e com o leitor. Aqui no jornal apenas falo com o leitor e agrada-me que ele fique agradado. Vou dizer a verdade: não estou contente.

LISPECTOR, C. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

No texto, ao refletir sobre a atividade de cronista, a autora questiona características do gênero crônica, como:

- a) relação distanciada entre os interlocutores.
- b) articulação de vários núcleos narrativos.
- c) brevidade no tratamento da temática.
- d) descrição minuciosa dos personagens.
- e) público leitor exclusivo.

○ 10. (ENEM)

**A arte de Luís Otávio Burnier**

O movimento natural do corpo segue as leis cotidianas: o menor esforço para o maior efeito. Etienne Decroux inverte a frase e cria o que, para ele, seria uma das mais importantes leis da arte: o maior esforço para o menor efeito. “Se eu pedir a um ator que me expresse alegria, ele me fará assim (fazia uma grande máscara de alegria com o rosto), mas se eu cobrir o seu rosto com um pano ou uma máscara neutra, amarrar seus braços para trás e lhe pedir que me expresse agora a alegria, ele precisará de anos de estudo”, dizia.

CAFIERO, C. *Revista do Lume*, n. 5, jul. 2003.

No texto, Carlota Cafiero expõe a concepção elaborada por Etienne Decroux, que desafia o ator a estabelecer uma comunicação com o público sem as expressões convencionais, por meio da:

- a) estética facial.
- b) mímica corporal.
- c) amarra no corpo.
- d) função da máscara.
- e) simbologia do tecido.

○ 11. (ENEM)

**Receita**

Tome-se um poeta não cansado,  
Uma nuvem de sonho e uma flor,  
Três gotas de tristeza, um tom dourado,  
Uma veia sangrando de pavor.  
Quando a massa já ferve e se retorce  
Deita-se a luz dum corpo de mulher,  
Duma pitada de morte se reforce,  
Que um amor de poeta assim requer.

SARAMAGO, J. *Os poemas possíveis*. Alfragide: Caminho, 1997.

Os gêneros textuais caracterizam-se por serem relativamente estáveis e podem reconfigurar-se em função do propósito comunicativo. Esse texto constitui uma mescla de gêneros, pois:

- a) introduz procedimentos prescritivos na composição do poema.
- b) explicita as etapas essenciais à preparação de uma receita.
- c) explora elementos temáticos presentes em uma receita.
- d) apresenta organização estrutural típica de um poema.
- e) utiliza linguagem figurada na construção do poema.

○ 12. (UFRGS)

Leia trechos dos poemas “Fanatismo”, de Florbela Espanca, e “Imagem”, de Cecília Meireles.

**Fanatismo**

[...]  
“Tudo no mundo é frágil, tudo passa...”  
Quando me dizem isto, toda a graça  
Duma boca divina fala em mim!  
E, olhos postos em ti, digo de rastros:  
“Ah! Podem voar mundos, morrer astros,  
Que tu és como Deus: Princípio e Fim!...”

**Imagem**

Tão brando é o movimento  
das estrelas, da lua,  
das nuvens e do vento,  
que se desenha a tua  
face no firmamento.  
Desenha-se tão pura  
como nunca a tiveste,  
nem nenhuma criatura.  
Pois é sombra celeste  
da terrena aventura.  
[...]

Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afirmações sobre os poemas.

- ( ) Ambos os sujeitos líricos comparam o ser amado à perfeição divina.
- ( ) Ambos os sujeitos líricos veem o amor de modo idealizado.
- ( ) Ambos os sujeitos líricos falam diretamente ao ser amado.
- ( ) Ambos os poemas citam diretamente a voz da opinião pública.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V – V – V – F
- b) V – V – F – V
- c) F – F – V – V
- d) F – V – F – V
- e) V – F – V – F



# HABILIDADES À PROVA 3

## » História da Literatura: os estilos de época

### ○ 1. (ENEM)

#### Texto I

Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. [...] Andavam todos tão bem-dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas que muito agradavam.

CASTRO, S. A carta de Pero Vaz de Caminha. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

#### Texto II

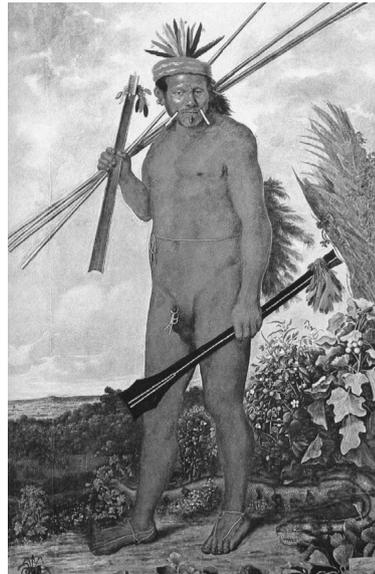


PORTINARI, C. O descobrimento do Brasil. 1956. Óleo sobre tela, 199 x 169 cm.

Pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha e a obra de Portinari retratam a chegada dos portugueses ao Brasil. Da leitura dos textos, constata-se que:

- a) a carta de Pero Vaz de Caminha representa uma das primeiras manifestações artísticas dos portugueses em terras brasileiras e preocupa-se apenas com a estética literária.
- b) a tela de Portinari retrata indígenas nus com corpos pintados, cuja grande significação é a afirmação da arte acadêmica brasileira e a contestação de uma linguagem moderna.
- c) a carta, como testemunho histórico-político, mostra o olhar do colonizador sobre a gente da terra, e a pintura destaca, em primeiro plano, a inquietação dos nativos.
- d) as duas produções, embora usem linguagens diferentes – verbal e não verbal –, cumprem a mesma função social e artística.
- e) a pintura e a carta de Caminha são manifestações de grupos étnicos diferentes, produzidas em um mesmo momento histórico, retratando a colonização.

### ○ 2. (ENEM)



ECKHOUT, A. Índio Tapuia (1610-1666).

A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir, nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto.

CAMINHA, P. V. A carta. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 12 ago. 2009.

Ao se estabelecer uma relação entre a obra de Eckhout e o trecho do texto de Caminha, conclui-se que:

- a) ambos se identificam pelas características estéticas marcantes, como tristeza e melancolia, do movimento romântico das artes plásticas.
- b) o artista, na pintura, foi fiel ao seu objeto, representando-o de maneira realista, ao passo que o texto é apenas fantasioso.
- c) a pintura e o texto têm uma característica em comum, que é representar o habitante das terras que sofreriam processo colonizador.
- d) o texto e a pintura são baseados no contraste entre a cultura europeia e a cultura indígena.
- e) há forte direcionamento religioso no texto e na pintura, uma vez que o índio representado é objeto da catequização jesuítica.

Anotações:



○ 3. (ENEM) Quando os portugueses se instalaram no Brasil, o país era povoado de índios. Importaram, depois, da África, grande número de escravos. O Português, o Índio e o Negro constituem, durante o período colonial, as três bases da população brasileira. Mas no que se refere à cultura, a contribuição do Português foi de longe a mais notada.

Durante muito tempo o português e o tupi viveram lado a lado como línguas de comunicação. Era o tupi que utilizavam os bandeirantes nas suas expedições. Em 1694, dizia o Padre Antônio Vieira que “as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos Índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola.”

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984 (adaptado).

A identidade de uma nação está diretamente ligada à cultura de seu povo. O texto mostra que, no período colonial brasileiro, o Português, o Índio e o Negro formaram a base da população e que o patrimônio linguístico brasileiro é resultado da:

- a) contribuição dos índios na escolarização dos brasileiros.
- b) diferença entre as línguas dos colonizadores e as dos indígenas.
- c) importância do Padre Antônio Vieira para a literatura de língua portuguesa.
- d) origem das diferenças entre a língua portuguesa e as línguas tupi.
- e) interação pacífica no uso da língua portuguesa e da língua tupi.

○ 4. (ENEM) No Brasil colonial, os portugueses procuravam ocupar e explorar os territórios descobertos, nos quais viviam índios, que eles queriam cristianizar e usar como força de trabalho. Os missionários aprendiam os idiomas dos nativos para catequizá-los nas suas próprias línguas. Ao longo do tempo, as línguas se influenciaram. O resultado desse processo foi a formação de uma *língua geral*, desdobrada em duas variedades: o *abanheenga*, ao sul, e o *nheengatu*, ao norte. Quase todos se comunicavam na língua geral, sendo poucos aqueles que falavam apenas o português.

De acordo com o texto, a língua geral formou-se e consolidou-se no contexto histórico do Brasil-Colônia. Portanto, a formação desse idioma e suas variedades foi condicionada:

- a) pelo interesse dos indígenas em aprender a religião dos portugueses.
- b) pelo interesse dos portugueses em aprimorar o saber linguístico dos índios.
- c) pela percepção dos indígenas de que as suas línguas precisavam aperfeiçoar-se.
- d) pelo interesse unilateral dos indígenas em aprender uma nova língua com os portugueses.
- e) pela distribuição espacial das línguas indígenas, que era anterior à chegada dos portugueses.

○ 5. (UFRGS) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo sobre a Literatura de Informação no Brasil.

( ) A carta de Pero Vaz de Caminha, enviada ao rei D. Manuel I, circulou amplamente entre a nobreza e o povo português da época.

( ) Os textos informativos apresentavam, em geral, uma estrutura narrativa, pois esta se adaptava melhor aos objetivos dos autores de falar das coisas que viam.

( ) Os textos que informavam sobre o Novo Mundo despertavam grande curiosidade entre o público europeu, estando os de Américo Vespúcio entre os mais divulgados no início do século XVI.

( ) Pero de Magalhães Gândavo é o autor dos textos *Tratado da Terra do Brasil* e *História da Província Santa Cruz a que Vulgarmente Chamamos Brasil*.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - F - V - V
- b) V - F - F - F
- c) F - V - V - V
- d) F - F - V - V
- e) V - V - F - F

○ 6. (UFRGS) Leia os excertos abaixo.

“Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões.”

Frei Vicente do Salvador “Em nenhuma outra Região se mostra o Céu mais sereno, nem madrugada mais bela a Aurora: o Sol em nenhum outro Hemisfério tem os raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes.”

Sebastião da Rocha-Pitta.

“Até que cheguei outra vez às margens do rio de São Francisco onde vi aquele milagre do céu na terra, o sagrado templo da Lapa, feito e fabricado pela arte da natureza por permissão divina, [...]”

Nuno Marques Pereira.

Considere o enunciado abaixo e as três propostas para completá-lo.

Os três fragmentos dados, retirados de textos escritos sobre o Brasil colonial, caracterizam-se:

1. pela grande admiração pela terra, considerada excepcional devido às suas riquezas.
2. pelo entusiasmo com que se referem às características da paisagem do Brasil, expresso em superlativos e enfáticas comparações.
3. pelo modo ficcional com que os viajantes descrevem o Brasil no período do Romantismo.

Qual(is) proposta(s) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas 1.
- b) Apenas 2.
- c) Apenas 3.
- d) Apenas 1 e 2.
- e) 1, 2 e 3.



○ 7. (UFRGS) Leia o texto abaixo, de Frei Vicente do Salvador.

“É o Brasil mais abastado de mantimentos que quantas terras há no mundo, porque nele se dão os mantimentos de todas as outras. Dá-se trigo em S. Vicente em muita quantidade, e dar-se-á nas mais partes cansando primeiro as terras, porque o viço lhes faz mal.

Dá-se também em todo o Brasil muito arroz, que é o mantimento da Índia Oriental, e muito milho zaburro que é o das Antilhas e Índia Ocidental.”

História da Brasil, Frei Vicente do Salvador.

Considere as seguintes afirmações em relação ao texto acima.

- I. O autor explica os ideais predatórios da colonização portuguesa dos primeiros séculos e a admiração pelas suas riquezas.
- II. O trecho denota a consciência do seu autor sobre o grande potencial do Brasil e sobre a inveja despertada em outros povos.
- III. O texto é revelador da imensa admiração de Frei Vicente pela natureza pródiga do Brasil e constitui uma amostra dos germens de um primeiro sentimento nativista.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

○ 8. (UFRGS) Leia os fragmentos abaixo, de Pero de Magalhães Gândavo e de Jean de Léry, respectivamente, escritos no século XVI.

1. Estes índios são de cor baça e cabelo corredio; têm o rosto amassado e algumas feições dele à maneira de chins. Pela maior parte são bem dispostos, rijos e de boa estatura; gente mui esforçada e que estima pouco morrer, temerária na guerra e de muito pouca consideração. São desagradecidos em grande maneira e muito desumanos e cruéis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo. [...] São muito desonestos e dados à sensualidade, e assim se entregam aos vícios como se neles não houvera razão de homens.

2. De tal modo que, tendo eu vivido com eles, confiaria mais neles e de fato estava mais seguro em meio àquele povo que chamamos selvagem do que me sinto hoje em alguns lugares de nossa França, com franceses desleais e degenerados.

Considere as seguintes afirmações sobre esses fragmentos.

- I. Gândavo enfatiza os aspectos físicos agradáveis dos indígenas, por ele comparados a elementos da natureza americana.
- II. Tanto Gândavo quanto Jean de Léry contestam a humanidade dos indígenas, ao destacarem sua selvageria e degeneração moral.
- III. Ao atribuir aos indígenas brasileiros valores que não reconhecia em conterrâneos seus, o francês Jean de Léry desmente a perspectiva etnocêntrica que fundamentou a maior parte dos textos de viajantes.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 9. (UFSM) Os hábitos alimentares estão entre os principais traços culturais de um povo. Era de se esperar, portanto, que houvesse alguma menção sobre o assunto no primeiro contato entre os portugueses e os nativos, conforme relatado na Carta de Pero Vaz de Caminha. De fato, Caminha escreve a respeito da reação de dois jovens nativos que foram até a caravela de Cabral e que experimentaram alimentos oferecidos pelos portugueses:

Deram-lhe[s] de comer: pão e peixe cozido, confeitos, bolos, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada de tudo aquilo. E se provavam alguma coisa, logo a cuspiam com nojo. Trouxeram-lhes vinho numa taça, mas apenas haviam provado o sabor, imediatamente demonstraram de não gostar e não mais quiseram. Trouxeram-lhes água num jarro. Não beberam. Apenas bochechavam, lavando as bocas, e logo lançavam fora.

Fonte: CASTRO, Sílvio (org.) A carta de Pero Vaz de Caminha. Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 93.

A partir da leitura do fragmento, são feitas as seguintes afirmativas:

- I - No fragmento, ao dar destaque às reações dos nativos frente à comida e à bebida oferecidas, Caminha registra o comportamento diferenciado deles quanto aos itens básicos da alimentação de um europeu.
- II - No fragmento, percebe-se a antipatia de Caminha pelos nativos, o que se confirma na leitura do restante da carta quanto a outros aspectos dos indígenas, como sua aparência física.
- III - O predomínio de verbos de ação, numa sequência de eventos interligados cronologicamente, confere um teor narrativo ao texto.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas II e III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

Anotações:



○ 10. (UFSM) A *Carta de Pero Vaz de Caminha* é o primeiro relato sobre a terra que viria a ser chamada de Brasil. Ali, percebe-se não apenas a curiosidade do europeu pelo nativo, mas também seu pasmo diante da exuberância da natureza da nova terra, que, hoje em dia, já se encontra degradada em muitos dos locais avistados por Caminha.

Tendo isso em vista, leia o fragmento a seguir.

“Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste ponto temos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, outras brancas; e a terra por cima é toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é tudo praia redonda, muito chã e muito formosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque a estender d’olhos não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem o vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. As águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem.”

CASTRO, Sílvio (org.). *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 115-6.

Esse fragmento apresenta-se como um texto:

- a) descritivo, uma vez que Caminha ocupa-se em dar um retrato objetivo da terra descoberta, abordando suas características físicas e potencialidades de exploração.
- b) narrativo, pois a “Carta” é, basicamente, uma narração da viagem de Pedro Álvares Cabral e sua frota até o Brasil, relatando, numa sucessão de eventos, tudo o que ocorreu desde a chegada dos portugueses até sua partida.
- c) argumentativo, pois Caminha está preocupado em apresentar elementos que justifiquem a exploração da terra descoberta, os quais se pautam pela confiabilidade e abrangência de suas observações.
- d) lírico, uma vez que a apresentação hiperbólica da terra por Caminha mostra a subjetividade de seu relato, carregado de emotividade, o que confere à “Carta” seu caráter especificamente literário.
- e) narrativo-argumentativo, pois a apresentação sequencial dos elementos físicos da terra descoberta serve para dar suporte à ideia defendida por Caminha de exploração do novo território.

Anotações:



# HABILIDADES À PROVA 4

## » Barroco

### ○ 1. (ENEM)

Quantos há que os telhados têm vidrosos  
E deixam de atirar sua pedrada,  
De sua mesma telha receiosos.

Adeus, praia, adeus, ribeira,  
De regatões tabaquista,  
Que vende gato por lebre  
Querendo enganar a vista.

Nenhum modo de desculpa  
Tendes, que valer-vos possa:  
Que se o cão entra na igreja,  
É porque acha aberta a porta.

GUERRA, G. M. In: LIMA, R. T. *Abecê de folclore*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (fragmento).

Ao organizar as informações, no processo de construção do texto, o autor estabelece sua intenção comunicativa. Nesse poema, Gregório de Matos explora os ditados populares com o objetivo de:

- a) enumerar atitudes.
- b) descrever costumes.
- c) demonstrar sabedoria.
- d) recomendar precaução.
- e) criticar comportamentos.

### ○ 2. (ENEM)

Quando Deus redimiu da tirania  
Da mão do Faraó endurecido  
O Povo Hebreu amado, e esclarecido,  
Páscoa ficou da redenção o dia.

Páscoa de flores, dia de alegria  
Àquele povo foi tão afligido  
O dia, em que por Deus foi redimido;  
Ergo sois vós, Senhor, Deus da Bahia.

Pois mandado pela alta Majestade  
Nos remiu de tão triste cativo,  
Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem pode ser senão um verdadeiro  
Deus, que veio estirpar desta cidade  
O Faraó do povo brasileiro.

DAMASCENO, D. (Org.). *Melhores poemas: Gregório de Matos*. São Paulo: Globo, 2006.

Com uma elaboração de linguagem e uma visão de mundo que apresentam princípios barrocos, o soneto de Gregório de Matos apresenta temática expressa por:

- a) visão cética sobre as relações sociais.
- b) preocupação com a identidade brasileira.
- c) crítica velada à forma de governo vigente.
- d) reflexão sobre os dogmas do cristianismo.
- e) questionamento das práticas pagãs na Bahia.

○ 3. (UFRGS) Sobre a obra de Gregório de Matos, é correto afirmar que:

- a) os vícios da colônia são criticados e as autoridades públicas são ridicularizadas.
- b) sua infância e sua família são temas recorrentes em seus poemas.
- c) a escravidão é denunciada como instituição perversa e des-necessária.
- d) o elogio da mulher amada está inserido em um quadro bucólico e pastoril.
- e) o ideal de racionalidade resulta na sintaxe simples e na ordem direta das frases.

○ 4. (UFRGS) Com relação ao Barroco brasileiro, assinale a alternativa **incorreta**:

- a) Os *Sermões*, do padre Vieira, elaborados em uma linguagem conceptista, refletiram as preocupações do autor com problemas brasileiros da época, por exemplo a escravidão.
- b) Os conflitos éticos vividos pelo homem do Barroco corresponderam, na forma literária, ao uso exagerado de paradoxos e inversões sintáticas.
- c) A poesia barroca foi a confirmação, no plano estético, dos preceitos renascentistas de harmonia e equilíbrio, vigentes na Europa, no século XVII, adaptados, então, à realidade nacional.
- d) Um dos temas principais do Barroco é a efemeridade da vida, questão que foi tratada no dilema de viver o momento presente, e, ao mesmo tempo, preocupar-se com a “vida eterna”.
- e) A escultura barroca teve no Brasil o nome de Antônio Francisco Lisboa, o “Aleijadinho”, que, no século XVII, elaborou uma arte de tema religioso com traços nacionais e populares, numa mescla representativa do Barroco.

Anotações:



○ 5. (UFRGS) Leia o soneto abaixo, *À Cidade da Bahia*, de Gregório de Matos.

Triste Bahial! Ó quão dessemelhante  
Estás e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado,  
Rica te vi eu já, tu a mim abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado,  
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh! se quisera Deus, que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote!

Brichote: designação pejorativa para os estrangeiros.

Assinale a alternativa correta em relação a esse soneto.

- a) Pela forma de soneto e pelo tom satírico, o poema *À Cidade da Bahia* antecipa o parnasianismo na poesia brasileira.
- b) Gregório optou, no seu poema, pelo tom satírico para melhor expressar sua crítica ao poder do clero.
- c) A Bahia é representada a partir de sua tristeza e antiguidade, enquanto o estrangeiro colonizador é valorizado por suas negociações e seu vestuário.
- d) O poema não dá referências sobre os meios de produção da época, limitando-se a expressar a tristeza do poema pelo seu empobrecimento.
- e) O poema constrói, por meio de imagens elaboradas, uma crítica à exploração econômica que sofreu a Bahia no período colonial.

○ 6. (UFRGS) Leia o poema abaixo, de Gregório de Matos Guerra.

### Retrato / Dona Ângela

Anjo no nome, Angélica na cara  
Isso é ser flor, e Anjo juntamente:  
Ser Angélica flor e Anjo florente  
Em quem, senão em vós se uniformara?

Quem veria uma flor, que a não cortara  
De verde pé, de rama florescente?  
E quem um Anjo vira tão luzente,  
Que por seu Deus o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,  
Fôreis o meu custódio, e minha guarda,  
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda  
Posto que os anjos nunca dão pesares  
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

Disponível em: [www.vestibular.ufrgs.br/cv2013/gregoriomatosguerra\\_seleta.doc](http://www.vestibular.ufrgs.br/cv2013/gregoriomatosguerra_seleta.doc).  
Acesso em: 10 set. 2012.

Sobre o poema, é correto afirmar:

- a) o poeta explora o paralelo entre Anjo e Angélica e revela a condição perecível e doméstica da flor, permitindo que se perceba a uniformização pretendida pelo barroco, a qual estabelece regras poéticas rígidas.
- b) a mulher Anjo Luzente, no poema, encarna tanto o anjo protetor que livra “de diabólicos azares”, quanto a criatura feminina tentadora que provoca a imaginação e a sensualidade.
- c) a associação e o contraste da flor, que seria cortada do verde pé, com o Anjo luzente a ser idolatrado, indica o diálogo do poeta (vós) com o anjo enviado dos céus para proteger os altares de sua esposa.
- d) a estrutura do poema é composta de versos decassílabos brancos, em acordo com a estética barroca. Além disso, as rimas são intercaladas, o que confere musicalidade ao texto.
- e) o poema mostra uma conversão religiosa do eu lírico que vê, na imagem do anjo, uma redenção dos pecados.

○ 7. (UFRGS) Leia o seguinte soneto de Gregório de Matos Guerra.

“Nasce o Sol, e não dura mais que um dia.  
Depois da luz se segue a noite escura.  
Em tristes sombras morre a formosura.  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?  
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza.  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sintam-se tristezas.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.”

Considere as afirmações abaixo sobre esse soneto.

- I. É um soneto barroco, característico do século XVII, que se compõe de um jogo de contrastes.
- II. O primeiro quarteto reúne movimentos cíclicos da natureza, efeitos da passagem do tempo e sentimentos humanos.
- III. O segundo quarteto expressa um inconformismo com a passagem do tempo, expresso nas indagações do poeta.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

Anotações:



○ **8. (UFRGS)** Quanto ao período barroco e seus representantes na literatura colonial brasileira, é correto afirmar que:

- a) os sermões de Antônio Vieira apresentam uma retórica complexa pela exuberância de imagens e pelos postulados morais e religiosos.
- b) a obra de Gregório de Matos se distingue pela sua unidade temática, expressa por um tom satírico.
- c) a poesia irreverente de Gregório de Matos satiriza diferentes tipos sociais, exceção feita aos representantes da Igreja.
- d) o predomínio dos valores transcendentais, motivados pela Reforma, marca o estilo barroco da obra de Vieira.
- e) Gregório de Matos se ateu ao uso da língua culta da Metrópole, ao contrário de Vieira, que utilizou termos indígenas, africanos e populares.

○ **9. (UFRGS)** Considere as seguintes afirmações sobre o padre Antônio Vieira.

- I. Possui um estilo antigongórico, conceptista, caracterizado pela clareza e pelo rigor sintático, dialético e lógico.
- II. Recusa, como cultista, o elemento imagístico, transformando-o em mero instrumento de convencimento dos fiéis.
- III. Recontextualiza passagens do Evangelho, uma vez que as vincula às ideias que quer expressar, explorando a analogia.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ **10. (UFRGS)** Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo sobre os dois grandes nomes do barroco brasileiro.

- ( ) A obra poética de Gregório de Matos oscila entre os valores transcendentais e os valores mundanos, exemplificando as tensões do seu tempo.
- ( ) Os sermões do Padre Vieira caracterizam-se por uma construção de imagens desdobradas em numerosos exemplos que visam a enfatizar o conteúdo da pregação.
- ( ) Gregório de Matos e Padre Vieira, em seus poemas e sermões, mostram exacerbados sentimentos patrióticos expressos em linguagem barroca.
- ( ) A produção satírica de Gregório de Matos e o tom dos sermões do Padre Vieira representam duas faces da alma barroca no Brasil.
- ( ) O poeta e o pregador alertam os contemporâneos para o desvio operado pela retórica retumbante e vazia.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - F - F - F - F
- b) V - V - V - V - F
- c) V - V - F - V - F
- d) F - F - V - V - V
- e) F - F - F - V - V

○ **11. (UFRGS)** Leia o seguinte soneto de Gregório de Matos Guerra.

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:  
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa<sup>1</sup>;  
Com sua língua ao nobre o vil decepa:  
O velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:  
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;  
Quem menos falar pode, mais increpa<sup>2</sup>:  
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por tulipa;  
Bengala hoje na mão, ontem garlopa<sup>3</sup>:  
Mais isento se mostra, o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa,  
E mais não digo, porque a musa topa  
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

**Vocabulário:**

- 1. Carepa: caspa, sarna, pereba.
- 2. Increpa: censura, acusa.
- 3. Garlopa: instrumento de carpinteiro.

Considere as seguintes afirmações sobre o soneto lido.

- I. De acordo com o primeiro quarteto, quem se pretende mais limpo tem maior sujeira, mas quem é nobre trata de decepar as pretensões de quem é vil.
- II. No segundo quarteto, há uma receita de ascensão social, em que, por exemplo, quem tem menos autoridade mais acusa e quem tem riqueza obtém importância e prestígio.
- III. No último terceto, o poeta refere as rimas usadas ao longo do soneto e, do ponto de vista formal, abandona o decassílabo para lançar mão de versos de oito sílabas.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

Anotações:



○ 12. (UFSM) Os hábitos alimentares variam não só conforme as diferentes culturas, mas também conforme as condições socioeconômicas das pessoas e suas crenças religiosas. É a isso que se refere Padre Antônio Vieira no excerto do *Sermão de Santo Antônio ou dos Peixes*:

Mas ainda que o Céu e o Inferno se não fez para vós, irmãos peixes, acabo, e dou fim a vossos louvores, com vos dar as graças do muito que ajudais a ir ao Céu, e não ao Inferno, os que se sustentam de vós. Vós sois os que sustentais as Cartuxas e os Buçacos, e todas as santas famílias, que professam mais rigorosa austeridade; vós os que a todos os verdadeiros cristãos ajudais a levar a penitência das quaesmas; vós aqueles com que o mesmo Cristo festejou a Páscoa as duas vezes que comeu com seus discípulos depois de ressuscitado. Prezem-se as aves e os animais terrestres de fazer esplêndidos e custosos os banquetes dos ricos, e vós gloriái-vos de ser companheiros do jejum e da abstinência dos justos! Tendes todos quantos sois tanto parentesco e simpatia com a virtude, que, proibindo Deus no jejum a pior e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. E posto que na semana só dois se chamam vossos, nenhum dia vos é vedado. Um só lugar vos deram os astrólogos entre os signos celestes, mas os que só de vós se mantêm na terra, são os que têm mais seguros os lugares do Céu.

**Glossário**

Cartuxas e Buçacos: os pertencentes a essas Ordens Religiosas, as quais são conhecidas por sua austeridade.

A partir desse fragmento, assinale a alternativa correta.

- a) Por meio de uma alegoria, Vieira dirige-se, no sermão, aos peixes, mostrando que estes merecem apenas elogios, ao passo que os homens merecem apenas repreensões.
- b) Como se vê pelo excerto, Vieira dirige-se aos peixes de forma geral, sem fazer menções a espécies de peixes em particular, o que também ocorre no restante do sermão.
- c) Vieira, no excerto, estabelece uma antítese entre céu e inferno que é reproduzida simbolicamente na contraposição entre peixe e carne.
- d) O objetivo de Vieira no “Sermão dos Peixes”, conforme se vê pelo excerto, é reforçar nos fiéis católicos a importância de jejuar nos dias santos como forma de aproximarem-se de Deus.
- e) Contrariamente ao que se esperaria de um texto dessa época, o fragmento do “Sermão dos Peixes” não apresenta um estilo rebuscado, muito menos o emprego de uma linguagem rica em conceitos.

Anotações:

○ 13. (UFSM) Padre Antônio Vieira, em seu *Sermão de Santo Antônio ou dos Peixes*, vale-se da fauna aquática, especialmente a da costa brasileira, para dar força e vida às suas palavras, como se vê no fragmento a seguir.

Outra coisa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima, em muitos de vós, é aquela tão notável ignorância e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Tome um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele e fica preso e boqueando até que, assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Pode haver maior ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida?

Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vô-lo nego. Dá um exército batalha contra outro exército, metem-se os homens pelas pontas dos piques, dos chuços e das espadas, e por quê? Porque houve quem os engodou e lhes fez isca com dois retalhos de pano. A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isca nas pontas desses piques, desses chuços e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama hábito de Malta; ou verde, que se chama de Aviz; ou vermelho, que se chama de Crista e de Santiago; e os homens por chegarem a passar esse retalho de pano ao peito, não reparam em tragar e engolir o ferro.

A partir da leitura do fragmento, assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada afirmativa a seguir.

- ( ) A referência aos peixes, no fragmento e no sermão como um todo, deve-se ao “milagre da multiplicação dos peixes”, realizado por Jesus Cristo, o que serve de ponto de partida para o texto de Vieira.
- ( ) Por meio da analogia, Vieira compara como os peixes são pescados e como os homens perdem-se, ambos vítimas de um engano.
- ( ) Os fatos narrados no fragmento apresentam semelhanças com o enredo de uma fábula, no sentido de que seu conteúdo é utilizado para ilustrar um princípio moral.

A sequência correta é:

- a) V - F - F.
- b) F - V - F.
- c) F - V - V.
- d) F - F - V.
- e) V - V - V.



○ 14. (UFSM) Aportando na costa brasileira, Pero Vaz de Caminha depara-se com uma realidade paradisíaca, mas a descreve objetivamente, quase como antropólogo. No século seguinte, qual será a perspectiva de Gregório de Matos sobre a mesma terra?

### Soneto

Há cousa como estar em São Francisco<sup>1</sup>  
donde vamos ao pasto tomar fresco?  
Passam as negras, fala-se burlesco,  
fretam-se todas, todas caem no visco.

O peixe roda aqui, ferve o marisco,  
come-se ao grave<sup>2</sup>, bebe-se ao tudesco<sup>3</sup>,  
vêm barcos da cidade com refresco,  
há já tanto biscoito como cisco.

Chega o Faísca, fala, e dá um chasco<sup>4</sup>,  
começa ao dia, acaba ao lusco-fusco,  
não cansa o paladar, rompe-se o casco<sup>5</sup>.

Joga-se em casa em sendo o dia brusco;  
Vem-se chegando a Páscoa, e se eu me empasco<sup>6</sup>,  
os lombos do tatu é o pão que busco.

1. São Francisco do Conde: atual município nas cercanias da Baía de Todos os Santos, famoso por suas ilhas paradisíacas. Pertenceu a Salvador até 1697, quando foi emancipado.

2. ao grave: gravemente, solenemente.

3. tudesco: relativo ou próprio dos germanos; vem do antigo alemão *thiutisk*, passando a *diutisc* e depois ao alemão moderno *deutsch*; bebe-se ao tudesco: bebe-se muito, como os germanos, os alemães.

4. dá um chasco: faz troça.

5. casco: garrafa; corpo da embarcação; popularmente, corpo, ventre, cabeça, crânio; tino, inteligência.

6. empascar: de Páscoa, data religiosa ou refeição desse dia; empascar-se: criação verbal decorrente da necessidade de rima; deriva de, e significa o mesmo que pascoar, celebrar a Páscoa, quando se come o pão ázimo.

Considere as afirmativas:

I - Ao poeta não impressiona, como a Pero Vaz de Caminha, a inocência tropical da mulher autóctone, mas a sensualidade buliçosa da africana; a ele não apraz a pureza das águas infindas que chamaram a atenção do escrívão, e sim a bebida (alcoólica) em abundância, além da mesa farta.

II - A viagem do poeta a São Francisco parece coincidir com a data da chegada de Cabral à "Terra de Vera Cruz", isto é, por ocasião da Páscoa.

III - O poema testemunha a licenciosidade que reinava na Colônia e que motivou a produção satírica de Gregório de Matos.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e III.
- e) I, II e III.

Anotações:



○ 15. (UFSM) Foi na Bahia que nasceu Gregório de Matos Guerra (1623-1696), nosso primeiro grande poeta. E foi o ambiente insalubre, afetado também por mazelas sociais e políticas, que serviu de tema para sua obra satírica, conforme se observa abaixo.

QUEIXA-SE A BAHIA POR SEU BASTANTE PROCURADOR, CONFESSANDO QUE AS CULPAS, QUE LHE INCREPAM NÃO SÃO SUAS, MAS SIM DOS VICIOSOS MORADORES QUE EM SI ALBERGA

- 1 Já que me põem a tormento  
murmuradores nocivos,  
carregando sobre mim  
suas culpas e delitos:
- 2 Por crédito de meu nome,  
e não por temer castigo,  
confessar quero os pecados  
que faço, e que patrocino.  
[...]
- 3 Sabei, céu, sabe, estrelas,  
escutai, flores, e lírios,  
montes, serras, peixes,  
aves, lua, sol, mortos e vivos:
- 4 Que não há nem pode haver,  
desde o Sul ao Norte frio,  
cidade com mais maldades,  
nem província com mais vícios  
[...]
- 5 Digam idolatras falsos  
que estou vendo de contínuo  
adorarem ao dinheiro,  
gula, ambição e amóricos!  
[...]
- 6 Quantos com pele de ovelha  
são lobos enfurecidos,  
ladrões, falsos, aleivosos\*,  
embusteiros e assassinos!  
[...]
- 7 Meus males, de quem procedem?  
não é de vós? claro é isso:  
que eu não faço mal a nada  
por ser terra e mato arisco.
- 8 Se me lançais má semente  
como quereis fruto limpo?  
lançai-a boa, e vereis  
se vos dou cachos opimos\*\*.

\* fraudulentos  
\*\* abundantes, férteis, excelentes

Com respeito ao poema, verifique se as afirmações que seguem são verdadeiras (V) ou falsas (F).

- ( ) Uma prosopopeia viabiliza a fala do eu poético.
- ( ) O poeta confessa os próprios pecados e identifica-se com os viciosos moradores da Bahia.
- ( ) O eu poético termina sua defesa com uma alegoria fundada na natureza.
- ( ) A terceira estrofe apresenta uma gradação.

A sequência correta é:

- a) F - F - F - V.
- b) V - V - V - F.
- c) V - F - F - V.
- d) F - V - V - F.
- e) V - F - V - F.



# HABILIDADES À PROVA 5

## » Arcadismo

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

- 01 Torno a ver-vos, ó montes; o destino  
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,  
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
- 04 Pelo traje da Corte, rico e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,  
Os meus fiéis, meus doces companheiros,

- 07 Vendo correr os míseros vaqueiros  
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,

- 10 Que chega a ter mais preço, e mais valia  
Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,

Aqui descanse a louca fantasia,

- 13 E o que até agora se tornava em pranto  
Se converta em afetos de alegria.

Cláudio Manoel da Costa. In: *Domicílio Proença Filho. A poesia dos inconfidentes.*  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 78-9.

**1. (ENEM)** Considerando o soneto de Cláudio Manoel da Costa e os elementos constitutivos do Arcadismo brasileiro, assinale a opção correta acerca da relação entre o poema e o momento histórico de sua produção.

- a) Os “montes” e “outeiros”, mencionados na primeira estrofe, são imagens relacionadas à Metrópole, ou seja, ao lugar onde o poeta se vestiu com traje “rico e fino”.
- b) A oposição entre a Colônia e a Metrópole, como núcleo do poema, revela uma contradição vivenciada pelo poeta, dividido entre a civilidade do mundo urbano da Metrópole e a rusticidade da terra da Colônia.
- c) O bucolismo presente nas imagens do poema é elemento estético do Arcadismo que evidencia a preocupação do poeta árcade em realizar uma representação literária realista da vida nacional.
- d) A relação de vantagem da “choupana” sobre a “Cidade”, na terceira estrofe, é formulação literária que reproduz a condição histórica paradoxalmente vantajosa da Colônia sobre a Metrópole.
- e) A realidade de atraso social, político e econômico do Brasil Colônia está representada esteticamente no poema pela referência, na última estrofe, à transformação do pranto em alegria.

**2. (ENEM)** Assinale a opção que apresenta um verso do soneto de Cláudio Manoel da Costa em que o poeta se dirige ao seu interlocutor.

- a) “Torno a ver-vos, ó montes; o destino” (v. 01).
- b) “Aqui estou entre Almendro, entre Corino” (v. 05).
- c) “Os meus fiéis, meus doces companheiros”. (v. 06).
- d) “Vendo correr os míseros vaqueiros” (v. 07).
- e) “Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto” (v. 11).

**3. (ENEM)**

### Casa dos Contos

& em cada conto te cont  
o & em cada enquanto me enca  
nto & em cada arco te a  
barco & em cada porta m  
e perco & em cada lanço t  
e alcanço & em cada escad  
a me escapo & em cada pe  
dra te prendo & em cada g  
rade me escravo & em ca  
da sótão te sonho & em cada  
esconso me affonso & em  
cada claudio te canto & e  
m cada fosso me enforco &

ÁVILA, A. *Discurso da difamação do poeta*. São Paulo: Summus, 1978.

O contexto histórico e literário do período barroco-árcade fundamenta o poema *Casa dos Contos*, de 1975. A restauração de elementos daquele contexto por uma poética contemporânea revela que:

- a) a disposição visual do poema reflete sua dimensão plástica, que prevalece sobre a observação da realidade social.
- b) a reflexão do eu lírico privilegia a memória e resgata, em fragmentos, fatos e personalidades da Inconfidência Mineira.
- c) a palavra “esconso” (escondido) demonstra o desencanto do poeta com a utopia e sua opção por uma linguagem erudita.
- d) o eu lírico pretende revitalizar os contrastes barrocos, gerando uma continuidade de procedimentos estéticos e literários.
- e) o eu lírico recria, em seu momento histórico, em uma linguagem de ruptura, o ambiente de opressão vivido pelos inconfidentes.

Anotações:



○ 4. (ENEM-2020)

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,  
Em meus versos teu nome celebrado,  
Por que vejas uma hora despertado  
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,  
Fresco assento de um álamo copado;  
Não vês ninfa cantar, pastar o gado  
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias  
Nas porções do riquíssimo tesouro  
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro  
Enriquecendo o influxo em tuas veias,  
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

COSTA, C. M. Obras poéticas de Glauceste Saturnio. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 8 out. 2015.

A concepção arcadista de Cláudio Manuel da Costa registra sinais de seu contexto histórico, refletidos no soneto por um eu lírico que:

- a) busca o seu reconhecimento literário entre as gerações futuras.
- b) contempla com sentimento de cumplicidade a natureza e o pastoreio.
- c) lamenta os efeitos produzidos pelos atos de cobiça e pela indiferença.
- d) encontra na simplicidade das imagens a expressão do equilíbrio e da razão.
- e) recorre a elementos mitológicos da cultura clássica como símbolos da terra.

○ 5. (UFRGS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo, na ordem em que aparecem.

*O Uruguai* (1769), de autoria de \_\_\_\_\_, narra a história da luta de \_\_\_\_\_ contra os índios sitiados nas missões dos Sete Povos. A obra focaliza o encontro de culturas e, ao dar relevo às figuras de Sepé, Cacambo e Lindoia, antecipa o \_\_\_\_\_ romântico.

- a) Santa Rita Durão - portugueses - nacionalismo
- b) Basílio da Gama - espanhóis - regionalismo
- c) Basílio da Gama - portugueses e espanhóis - indianismo
- d) Santa Rita Durão - Jesuítas - regionalismo
- e) José de Alencar - portugueses - indianismo

Anotações:

○ 6. (UFRGS) Leia as afirmações abaixo sobre o Arcadismo brasileiro.

- I. Os poetas arcades colocavam-se como pastores para realizarem, dessa forma, o ideal de uma vida simples em contato com a natureza.
- II. O Arcadismo brasileiro, embora tenha reproduzido muito dos modelos europeus, apresentou características próprias, como a incorporação do elemento indígena e a sátira política.
- III. O tema do *Carpe diem*, em que o poeta expressa o desejo de aproveitar intensamente o momento presente, fugaz e passageiro, foi ignorado pelos arcades brasileiros, excessivamente racionalistas.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 7. (UFRGS) Leia com atenção o texto abaixo:

“Pintam, Marília, os Poetas  
A um menino vendado,  
Com uma aljava de setas,  
Arco empunhado na mão;  
Ligeiras asas nos ombros,  
O tenro corpo despido,  
E de Amor ou de Cupido  
São os nomes, que lhe dão.”

“Tu, Marília, agora vendo  
De Amor o lindo retrato,  
Contigo estarás dizendo  
Que é este o retrato teu.  
Sim, Marília, a cópia é tua,  
Que Cupido é Deus suposto:  
Se há Cupido, é só teu rosto,  
Que ele foi quem me venceu.”

Conforme o poema, pode-se afirmar que:

- a) na primeira estrofe, o poeta descreve uma figura representativa da mitologia clássica, o que vincula o texto ao período barroco.
- b) na primeira estrofe, a amada Marília é alertada sobre a violência que se esconde detrás da superfície do amor.
- c) na segunda estrofe, o poeta transfere o retrato de Cupido para o rosto vencedor de Marília.
- d) Na descrição do rosto de Marília, o poeta consegue promover um diálogo com a pintura, característica exclusiva do Arcadismo.
- e) O poema representa o amor vivido por Gonzaga e Maria Dorotheia que, posteriormente, acabaram se casando e vivendo em Vila Rica.



8. (UFRGS) Assinale a alternativa correta em relação a *O Uruguai*, de Basílio da Gama.

- a) Trata-se de um poema épico em que o autor ataca o governo português.
- b) O poema representa um marco importante na passagem do Arcadismo ao Barroco.
- c) No poema, o autor evidencia simpatia para com as atitudes intervencionistas do Marquês do Pombal.
- d) O poema segue a estrutura camoniana de *Os Lusíadas*, mantendo o teor tradicional das cinco partes da epopeia.
- e) O poema narra a luta entre os exércitos português e espanhol pela dominação do território das Missões jesuíticas.

9. (UFRGS)

### Soneto II

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,  
Em meus versos teu nome celebrado,  
Por que vejas uma hora despertado  
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,  
Fresco assento de um álamo copado;  
Não vês Ninfa cantar, pastar o gado  
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhado as pálidas areias  
Nas porções do riquíssimo tesouro  
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o Planeta louro,  
Enriquecendo o influxo em tuas veias,  
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

Cláudio Manuel da Costa.

Sobre o soneto de Cláudio Manuel da Costa, é correto afirmar que:

- a) a posteridade é celebrada para que o pátrio rio seja mantido no sono vil do esquecimento frio.
- b) a posteridade, segundo o desejo expresso nos versos, celebrará o nome do pátrio rio.
- c) o pátrio rio desaguará na posteridade, que lhe reservará hostilidade e esquecimento frio.
- d) o pátrio rio, porque se destina ao esquecimento frio, se recusa a ser despertado.
- e) o pátrio rio tem seu nome celebrado para que o sono vil não perturbe o esquecimento frio.

10. (UFRGS) Assinale a alternativa correta em relação a *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

- a) No livro, é estabelecido um contraste entre a paisagem, bucólica e amena, e o cenário da masmorra, opressivo e triste.
- b) Trata-se de um conjunto de cartas de amor, enviadas por Marília, de Minas Gerais, a Dirceu, que se encontra em Moçambique.
- c) Na obra, o pensamento racional é anulado em favor do sentimentalismo romântico.
- d) Nas líras de Gonzaga, Marília é uma mulher irreal, incorpórea, imaginada pelo pastor Dirceu.
- e) Trata-se de um livro satírico, carregado de termos pejorativos em relação às convenções da época.

11. (UFRGS) Considere as seguintes afirmações sobre *O Uruguai*, de Basílio da Gama.

- I. Cacambo recusa as ofertas de Gomes Freire e acusa os padres jesuítas de não cumprirem seus deveres de guardiães da fé e de terem celebrado um acordo secreto com as autoridades lusitanas.
- II. Gomes Freire comanda as tropas luso-castelhanas que atacam as missões defendidas pelas tropas guaranis e, antes do combate, mantém um diálogo tenso com Cacambo e Sepé.
- III. Sepé acusa Gomes Freire de haver traído os acordos estabelecidos entre índios e exército, embora reconheça que as autoridades portuguesas tenham procurado preservar a paz.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

12. (UFSM) O momento da refeição sempre foi uma ocasião para conversar. Em *O Uruguai*, de Basílio da Gama, o narrador aproveita o banquete dos oficiais, que se segue ao desfile das tropas portuguesas, no Canto I, para apresentar as causas da guerra, conforme mostra o excerto a seguir.

[...]  
Convida o General depois da mostra,  
Pago da militar guerreira imagem,  
Os seus e os espanhóis; e já recebe  
No pavilhão purpúreo, em largo giro,  
Os capitães a alegre e rica mesa.  
Desterram-se os cuidados, derramando  
Os vinhos europeus nas taças de ouro.  
Ao som da ebúrnea cítara sonora  
Arrebatado de furor divino  
Do seu herói, Matúcio celebrava  
Altas empresas dignas de memória.  
[...]  
Levantadas as mesas, entretinham  
O congresso de heróis discursos vários.  
Ali Catâneo ao General pedia  
Que do princípio lhe dissesse as causas  
Da nova guerra e do fatal tumulto.

Glossário  
Ebúrnea: relativa ao marfim.

A partir da leitura do fragmento, bem como da obra a que pertence, assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada afirmativa a seguir.

- ( ) Ao introduzir, no Canto I, as causas da guerra, percebe-se a preocupação do narrador em contar a história respeitando a ordem cronológica dos eventos, o que se dá desde o início do poema.
- ( ) A guerra, cujas causas são inquiridas por Catâneo, ocupará grande parte do relato, o que confere à obra seu tom épico, ainda que certas passagens de *O Uruguai* também apresentem traços de puro lirismo.



( ) O poema é todo composto em versos decassílabos brancos, predominantemente de ritmo heroico, como se pode ver claramente no excerto.

( ) A glorificação do General Gomes Freire de Andrade no excerto evidencia que ele é o herói do poema, símbolo da civilização europeia que chega aos Sete Povos e que se contrapõe aos indígenas, apresentados no poema como selvagens, sem quaisquer qualidades heroicas.

A sequência correta é:

- a) F - V - V - F.
- b) V - V - F - F.
- c) V - F - F - V.
- d) F - F - V - F.
- e) V - F - V - V.

○ 13. (UFSM) Na literatura, os alimentos são empregados com frequência de forma figurada. É o que se vê no poema de Cláudio Manuel da Costa:

LXVII

Não te cases com Gil, bela serrana;  
Que é um vil, um infame, um desastrado;  
Bem que ele tenha mais devesa, e gado,  
A minha condição é mais humana.

Que mais te pode dar sua cabana,  
Que eu aqui te não tenha aparelhado?  
O leite, a fruta, o queijo, o mel dourado;  
Tudo aqui acharás nesta choupana:

Bem que ele tange o seu rabil grosseiro,  
Bem que te louve assim, bem que te adore,  
Eu sou mais extremoso, e verdadeiro.

Eu tenho mais razão, que te enamore:  
E se não, diga o mesmo Gil vaqueiro:  
Se é mais, que ele te cante, ou que eu te chore.

Fonte: IGLESIA, Francisco (org.). *Melhores poemas de Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Global, 2012, p. 96.

**Glossário**

Devesa: terra.

Extremoso: excessivamente carinhoso.

Rabil: uma espécie de violino rústico ou rabeca.

Sobre o poema, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) Tendo como cenário o campo e, como personagens, vaqueiros, o poema pode ser caracterizado como bucólico, o que vai ao encontro de uma tendência da poesia do período em que foi composto.
- b) O poema apresenta uma situação de conflito entre dois vaqueiros que, segundo o eu-lírico, apresentam condições econômicas idênticas, mas sentimentais opostas.
- c) O último verso do poema apresenta uma antítese como forma de representação de que a disputa retratada não poderá apresentar o mesmo final feliz para todas as partes envolvidas.
- d) O uso anafórico de “bem”, no primeiro terceto do poema, reforça a ideia de que o adversário do eu-lírico pelo amor da “bela serrana” também possui virtudes, ainda que não sejam tão intensas.
- e) O poema apresenta rimas externas, interpoladas nos quartetos e alternadas nos tercetos, mas também apresenta rima interna, o que assinala uma das características da lírica: a musicalidade.

○ 14. (UFSM) O poeta árcade Manuel da Costa valeu-se, em alguns momentos, da natureza brasileira para compor sua poesia, fugindo, assim, pelo menos em parte, do convencionalismo neo-clássico. A partir dessa ideia, leia o poema a seguir.

1 Altas serras, que ao Céu estais servindo  
De muralhas, que o tempo não profana,  
Se Gigantes não sois, que a forma humana  
Em duras penhas foram confundindo;

5 Já sobre o vosso cume se está rindo  
O Monarca da luz, que esta alma engana;  
Pois na face, que ostenta, soberana,  
O rosto de meu bem me vai fingindo.

Que alegre, que mimoso, que brilhante  
10 Ele se me afigura! Ah qual efeito  
Em minha alma se sente neste instante!

Mas ai! a que delírios me sujeito!  
Se quando no Sol vejo o seu semblante,  
Em vós descubro ó penhas o seu peito?

Acerca do poema, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) O poema é um soneto composto de versos decassílabos heroicos, com rima intercalada nos quartetos e cruzada nos tercetos.
- b) O eu-lírico tem como interlocutor de seu poema as “Altas serras” (v. 1), às quais se dirige diretamente também ao final, em “ó penhas” (v. 14), caracterizando assim o uso de apóstrofes.
- c) O eu-lírico emprega algumas inversões sintáticas no poema, como em “[...] que ao Céu estais servindo! De muralhas” (vv. 1-2), a que se chama de hipérbatos e que remetem mais ao estilo barroco que ao árcade.
- d) O eu-lírico compara o Sol, a que chama de “Monarca da luz” (v. 6), ao rosto de sua amada, o que caracteriza uma personificação.
- e) Ao olhar o Sol sobre as serras, o eu lírico enxerga uma imagem de sua amada, cujo peito seria composto então pelas penhas, visão essa que enche sua alma de alegria.

○ 15. (UFSM) Em *O Uruguai*, Basílio da Gama situa a ação em um cenário até então pouco retratado na literatura brasileira: o sul do Brasil. Ali, portugueses, espanhóis e guaranis serão personagens de uma batalha de final trágico para os últimos. Assim, sobre as personagens de *O Uruguai*, é correto afirmar que:

- a) o Padre Balda é retratado como um vilão, como se pode perceber na sua maquinação para a morte de Sepé, cujo objetivo era alçar Baldetta ao posto de líder indígena.
- b) o Irmão Patrusca é representado satiricamente na obra como guloso e covarde, o que aparece claramente ao final da história, quando é surpreendido pelos soldados enquanto fugia da aldeia destruída.
- c) Tanajura é uma velha feiticeira que revela o futuro para Lindoia, momento em que a jovem indígena descobre que morrerá em breve.
- d) o General Gomes Freire de Andrade é o herói do poema, impondo a vontade do Rei de Portugal a todo custo, sem procurar uma saída que evitasse a chacina dos indígenas.
- e) Cacambo tem um sonho em que o espírito de Sepé ordena-lhe que incendeie a aldeia para que se afaste o inimigo, dando tempo para a fuga dos indígenas.



○ 16. (UFSM) Em *Caramuru*, poema épico de Santa Rita Durão, o herói, Diogo Álvares Correia, em determinado momento narrado no Canto VII, chega em Paraguaçu, sua amada, à França, onde, instado pelo rei, relata as belezas da terra brasileira. Entre as flores, uma é destacada:

XXXIX

É na forma redonda, qual diadema  
De pontas, como espinhos, rodeada,  
A coluna no meio, e um claro emblema  
Das chagas santas e da cruz sagrada:  
Veem-se os três cravos e na parte extrema  
Com arte a cruel lança figurada,  
A cor é branca, mas de um roxo exangue,  
Salpicada recorda o pio sangue.

XL

Prodígio raro, estranha maravilha,  
Com que tanto mistério se retrata!  
Onde em meio das trevas a fé brilha,  
Que tanto desconhece a gente ingrata:  
Assim do lado seu nascendo filha  
A humana espécie, Deus piedoso trata,  
E faz que quando a graça em si despreza,  
Lhe pregue co' esta flor a natureza.

A partir desse fragmento, assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada afirmativa a seguir.

- ( ) As duas estrofes podem ser classificadas como oitavas compostas apenas de versos decassílabos.
- ( ) A estrofe XXXIX é basicamente descritiva, em que detalhes da anatomia da flor são aproximados da tradicional imagem de Jesus Cristo na cruz.
- ( ) A estrofe XL apresenta uma interpretação da personagem, que considera a presença da flor uma manifestação misteriosa da graça de Deus entre os índios, os quais, por meio da visão da planta, convertem-se.
- ( ) Na análise conjunta das duas estrofes, percebe-se a presença de duas características marcantes da primeira literatura feita no Brasil: a descrição da natureza local e a preocupação com a conversão do nativo à fé do colonizador.

A sequência correta é:

- a) V - V - F - V.  
b) F - V - F - V.  
c) V - F - V - F.  
d) F - V - V - V.  
e) V - F - F - F.

○ 17. (UFSM)

- 1 Pretende, Doroteu, o nosso chefe  
erguer uma cadeia majestosa,  
que possa escurecer a velha fama  
da torre de Babel e mais dos grandes,  
5 custosos edifícios que fizeram,  
para sepulcros seus, os reis do Egito.  
Talvez, prezado amigo, que imagine  
que neste monumento se conserve,  
eterna, a sua glória, bem que os povos,  
10 ingratos, não consagrem ricos bustos  
nem montadas estátuas ao seu nome.  
Desiste, louco chefe, dessa empresa:  
um soberbo edifício, levantado sobre  
ossos de inocentes, construído  
15 com lágrimas dos pobres, nunca serve  
de glória ao seu autor, mas sim de opróbrio.  
[...]

Esse fragmento pertence a *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, poema satírico que critica o capitão-general Luís da Cunha Menezes que, autoritário, usava a força militar para cobrar a taxa dos dízimos. Nesse texto, é possível identificar que

- I. "nosso chefe" (v. 1) e "louco chefe" (v. 12) remetem a Luís da Cunha Menezes.  
II. todo o comentário é feito em versos brancos, em redondilha maior.  
III. a mania de grandeza do capitão-general é ironizada nos versos 1 a 6.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.  
b) apenas I e II.  
c) apenas I e III.  
d) apenas II e III.  
e) apenas III.

○ 18. (UFSM) No Arcadismo, a natureza é vista como um local onde a vida é mais livre e justa, onde as diferenças sociais são ignoradas, ou seja, onde existe uma sociedade igualitária. É correto afirmar também que, no Arcadismo, identifica(m)-se:

- I. o desenvolvimento do gênero lírico, no qual os poetas assumem posturas de pastores e idealizam a realidade.  
II. a preocupação em buscar a origem do homem através do misticismo e da religiosidade.  
III. a utilização das formas clássicas convencionais, através de uma linguagem rebuscada e artificial.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.  
b) apenas I e II.  
c) apenas I e III.  
d) apenas II.  
e) apenas III.



# GABARITO

## • Habilidades à prova

---

### *Unidade 1*

1. C	8. B	15. D	22. E	29. B	36. D
2. B	9. A	16. B	23. E	30. E	37. D
3. B	10. B	17. A	24. D	31. C	38. C
4. E	11. E	18. A	25. A	32. C	39. A
5. B	12. C	19. A	26. D	33. A	40. A
6. A	13. E	20. B	27. D	34. B	
7. D	14. D	21. D	28. A	35. C	

### *Unidade 2*

1. C	5. A	9. C
2. D	6. E	10. B
3. C	7. C	11. A
4. D	8. E	12. A

### *Unidade 3*

1. C	3. E	5. D	7. C	9. D
2. C	4. E	6. D	8. C	10. A

### *Unidade 4*

1. E	5. E	9. C	13. C
2. C	6. B	10. C	14. E
3. A	7. E	11. B	15. E
4. C	8. A	12. C	

### *Unidade 5*

1. B	4. C	7. C	10. A	13. B	16. A
2. A	5. C	8. C	11. B	14. E	17. C
3. E	6. C	9. B	12. A	15. B	18. A

Anotações: